



**FACULDADE ANTONIO MENEGHETTI
SABRINA RAMINELLI HALL**

**DE SIGMUND FREUD, ALFRED ADLER E CARL GUSTAV JUNG À ANTONIO
MENEGHETTI: ESTUDO SOBRE CONCEITOS PRESENTES NA CIÊNCIA
ONTOPSICOLÓGICA**

**RECANTO MAESTRO-RESTINGA SÊCA
2022**

SABRINA RAMINELLI HALL

**DE SIGMUND FREUD, ALFRED ADLER E CARL GUSTAV JUNG À ANTONIO
MENEGHETTI: ESTUDO SOBRE CONCEITOS PRESENTES NA CIÊNCIA
ONTOPSICOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen D'Agostini Spanhol

SABRINA RAMINELLI HALL

**DE SIGMUND FREUD, ALFRED ADLER E CARL GUSTAV JUNG À ANTONIO
MENEGHETTI: ESTUDO SOBRE CONCEITOS PRESENTES NA CIÊNCIA
ONTOPSICOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso-Monografia, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ontopsicologia, Curso de Graduação em Bacharelado em Ontopsicologia, Faculdade Antonio Meneghetti-AMF.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carmen D'Agostini Spanhol

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Carmen D'Agostini Spanhol
Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso
Faculdade Antonio Meneghetti

Prof. Dr.
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Prof. Dr.
Membro da Banca Examinadora
Instituição

Recanto Maestro, 07 de novembro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à Sabrina, de 2016, por decidir traçar um caminho como este e oportunizar a Sabrina a finalização de uma Graduação.

Agradeço a meus pais, avós e em nome desses a família em geral que, sempre cultivaram em mim a vontade de mudar minha realidade, de ser uma pessoa de bem, uma pessoa de sucesso. Sei que esse é um pequeno passo em uma longa caminhada mas, sou imensamente grata.

Tenho muito a agradecer para a Antonio Meneghetti Faculdade e Fundação Antonio Meneghetti e em nome dessas a todos seus colaboradores que, além de me oportunizarem poder cursar a esta graduação também me oportunizaram o trabalho para que fosse possível o meu sustento para dar seguimento em meus projetos.

Agradeço a cada professor por compartilhar não só conhecimento mas, experiências de vida e crescimento com todos nós, acadêmicos. Agradeço a cada colega nesse percurso e deixo o meu carinho a todos aqueles que, em um momento, deixaram esse curso de graduação.

Agradeço muito a minha orientadora, Professora Dra. Carmen D'Agostini Spanhol que, incansavelmente me auxiliou no processo de escrita desse trabalho e, despertou em mim, o amor pela pesquisa.

A coordenadora do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia, Professora Dra. Patrícia Wazlawick fica minha gratidão, não apenas por ser coordenadora mas, aconselhadora e, estimuladora de realizações e conquistas para todos nós, acadêmicos.

Agradeço também a Deus, ou Ser que, além de me permitir toda essa experiência sempre pode me mostrar o percurso da realização.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho de conclusão de curso a mim por ter acreditado em minha força para concluir essa trajetória.

Dedico também àquelas pessoas especiais que impactei nessa trajetória, e em nome de familiares e amigos deixo aqui minha dedicatória.

Dedico a todos os futuros acadêmicos de Ontopsicologia para que possam seguir firmes neste grandioso curso de Graduação que busca formar o profissional capaz de atuar o Nexo Ontológico, o profissional que colhe a essência da vida e atua de modo simples, prático e exato.

“Se verdadeiramente conhecia o humano, devia demonstrá-lo ao saber curar qualquer desvio seu. A cura era possível, em todos os casos, somente se eu conhecesse o critério portante da natureza: devia identificá-lo, isolá-lo e utilizá-lo. E foi maravilhoso conseguir fazer isso como um hábito.”

Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, 2010.

RESUMO

Em um cenário da crise das ciências, a Ciência Ontopsicológica desponta com o propósito em dar uma resposta à pergunta existencial: O homem é capaz de colher o seu real? Partindo do critério ôntico do homem, de seu Em Si ôntico ela se propõe, através de seu método bilógico, indutivo-dedutivo e intuitivo, aliado às descobertas da Ontopsicologia a responder esse questionamento. O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, fundador dessa ciência, realizou estudos em diversas áreas, podendo assim afirmar que a Ontopsicologia é uma ciência interdisciplinar e epistêmica, e agrega conhecimentos de áreas como as que podemos verificar neste trabalho: Psicanálise, segundo Sigmund Freud, Psicologia Analítica, segundo Carl Gustav Jung e a Psicologia Individual, segundo Alfred Adler. É de grande importância compreendermos que, foram convalidados conceitos anteriores ao autor e, para que possamos entender sua significância dentro da Ciência Ontopsicológica, precisamos entender o conceito em sua origem, distinções e similaridades na convalidação.

Palavras-chave: Ontopsicologia; Psicanálise; Psicologia Analítica; Psicologia Individual.

ABSTRACT

In a scenario of the science crisis, Ontopsychological Science emerges with the purpose of giving an answer to the existential question: Is the man able to reap his real? Starting from the ontic criterion of man, from his In Si ontic it is proposed, through its biological, inductive-deductive and intuitive method, allied to the discoveries of Ontopsychology to answer this question. The Academic Teacher Antonio Meneghetti, founder of this science conducted studies in several, thus being able to affirm that Ontopsychology is an interdisciplinary and epistemic science, and adds knowledge of areas such as those we can verify in this work: Psichanalis, second Sigmund Freud, Analytical Psychology, second Carl Gustav Jung and Individual Psychology, second Alfred Adler. It is of great importance to understand that, concepts previous to the author were validated and, so that we can understand its significance within Ontopsychological Science, we need to understand the concept in its origin, distinctions and similarities in convalidation.

Keywords: Ontopsychology; Psychoanalysis; Analytical Psychology; Individual Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A PSICANÁLISE	12
2.1 Conceitos abordados.....	14
2.2 Sigmund Freud, a Psicanálise e conceitos estudados	15
2.3 Carl Gustav Jung, a Psicologia Analítica e conceitos estudados	20
2.4 Alfred Adler, a Psicologia Individual e conceito estudado	24
3 CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA.....	30
3.1 Antonio Meneghetti.....	31
3.2 Porque apropriação, reapropriação e convalidação	33
3.3 Uso de conceitos abordados na Ontopsicologia	33
3.3.1 Conceituação para análises.....	34
3.3.2 Id/Isso	39
3.3.3 Ego/Eu	40
3.3.4 Superego/Supereu.....	41
3.3.5 Projeção	45
3.3.6 Arquétipo.....	46
3.3.7 Complexo	49
3.3.8 Inconsciente individual.....	51
3.3.9 Ordem de nascimento	52
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS	64

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso intitulado: “De Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler à Antonio Meneghetti: estudo sobre conceitos presentes na Ciência Ontopsicológica”, trata como temática da análise desses conceitos que contribuem com a edificação da ciência Ontopsicológica, levando em consideração pontos de semelhança e pontos de distinção, isso é, de apropriação e reapropriação destes bem como a convalidação de conceitos, buscando evidenciar o seu emprego na estrutura do conhecimento da Ciência Ontopsicológica.

Primeiramente, é fundamental que possamos compreender que, para que uma nova ciência seja estruturada, é necessário uma base, anterior que esteja fundamentada e comprovada. É o caso da Ciência Ontopsicológica que, seu precursor, fundador e expressão máxima, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, deixa muito claro que seu estudo perpassou não somente por outras ciências mas, por outros modos de conhecimento, seja Sociologia, Filosofia, Teologia entre outras categorias e, este é um importante ponto a cerca que, só pode se fazer um conhecimento interdisciplinar à medida que se conhece outras bases de conhecimento.

Partindo da premissa que os conceitos advindos de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler sofrem uma apropriação, reapropriação ou convalidação para o seu emprego na Ciência Ontopsicológica, neste Trabalho de Conclusão de Curso evidenciam-se variáveis que se dividem em variável determinante, variável dependente e variável independente. Neste projeto temos como variável determinante a apropriação, reapropriação e convalidação que ocorrem de conceitos, com seu re-entendimento na Ciência Ontopsicológica, pois, a Ontopsicologia possui em suas bases o estudo de diversas áreas do conhecimento humano. A variável dependente refere-se aos conceitos originários que, serão estudados na sua concepção e entendimento perante a Ciência Ontopsicológica. Seguindo o estudo é importante ressaltar a variável independente que é a Ciência Ontopsicológica enquanto realizou a reapropriação destes conceitos e assim formalizando seu método, bilógico, indutivo-dedutivo e intuitivo como uma novidade.

Seguindo com a temática “De Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler à Antonio Meneghetti: estudo sobre conceitos presentes na Ciência Ontopsicológica” será trabalhada a problemática “qual a significância de conceitos de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler que foram apropriados, reapropriados ou convalidados pela Ontopsicologia?”

Sendo nosso **objetivo geral** o de explicitar conceitos, originalmente em suas bases, que passaram por apropriação, reapropriação ou convalidação para seu uso na Ontopsicologia.

Para objetivos específicos trabalhamos com:

- a) Construção de linha histórica sobre a Psicanálise;
- b) Apresentar a Psicanálise de Sigmund Freud e conceitos estudados;
- c) Apresentar a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung e conceitos estudados;
- d) Apresentar a Psicologia Individual de Alfred Adler e conceitos estudados;
- e) Apresentar a Ciência Ontopsicológica;
- f) Evidenciar o uso destes conceitos na Ontopsicologia e sua significância.

Este trabalho de pesquisa está embasado no estudo de conceitos que possam aproximar a Ciência Ontopsicológica de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler, enquanto são áreas de conhecimento do interesse da pesquisadora.

Buscaremos demonstrar como aproximar essa Ciência (Ontopsicologia) com a Psicanálise em uma futura especialização, levando, assim, esse trabalho de pesquisa em frente para contribuição de conhecimento pessoal, mas, também para o cunho social.

A motivação científica está na busca por explanar as origens da Ciência Ontopsicológica e como ela evoluiu se comparada a outras ciências em sentido de apropriação, reapropriação e convalidação de conceitos e conceitos.

Analisando os autores deste trabalho também buscaremos auxiliar a comunidade acadêmica enquanto que possamos deixar realizada a análise da aproximação dessa ciência com a Psicanálise, Psicologia Individual e Psicologia Analítica e mostrar as origens de uma ciência que, cada vez mais, vem tomando os holofotes de estudos como uma evolução das ciências.

Para o presente trabalho realizamos uma pesquisa exploratória, propondo o estudo sobre conceitos psicanalíticos, da Psicologia Individual e da Psicologia Analítica e, assim, podendo evidenciar a distinção ou similaridade com conceitos da Ciência Ontopsicológica por meio de um estudo teórico, dando base a uma pesquisa bibliográfica minuciosa em obras científicas do Acadêmico Professor Antonio Meneghetti bem como de outros autores como Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler, entre outros.

Iniciamos o estudo de conceitos com base no livro “Imagem e Inconsciente” (2012) de Antonio Meneghetti pois, é neste livro que o autor desenvolve sobre os conceitos apropriados, reapropriados e convalidados, mas, posteriormente partindo para o restante de sua obra, usando de livros que nos auxiliaram na presente pesquisa, em busca de conceitos dos quais Meneghetti cita sofrerem a apropriação, reapropriação ou como ele mesmo traz em seus

textos, “convalidação” para que, assim tenhamos bases para, após entender sua significância original possamos aferir com a significância na Ontopsicologia.

A dificuldade encontrada na pesquisa foi de que, para que fosse possível o estudo dos conceitos, foi necessário o aprofundamento sobre sua origem, ou seja, sobre as diferentes linhas de pesquisa e estudo.

É muito importante destacar que o cunho da pesquisa está na compreensão e identificação de similaridades e distinções, mas não de confronto entre ciências enquanto permanecem válidos ambos conhecimentos.

2 BREVE HISTÓRICO SOBRE A PSICANÁLISE

No Dicionário Etimológico Resumido encontramos a seguinte revisão etimológica de Psicanálise: do grego *psyché* “alma” e análise é um campo clínico de investigação da psique humana independente da Psicologia.

Para que possamos definir Psicanálise usaremos do Dicionário de Psicanálise, onde temos:

Termo criado por Sigmund Freud*, em 1896, para nomear um método particular de psicoterapia* (ou tratamento pela fala) proveniente do processo catártico (catarse*) de Josef Breuer* e pautado na exploração do inconsciente*, com a ajuda da associação livre*, por parte do paciente, e da interpretação*, por parte do psicanalista.

Por extensão, dá-se o nome de psicanálise:

1. ao tratamento conduzido de acordo com esse método;
2. à disciplina fundada por Freud (e somente a ela), na medida em que abrange um método terapêutico, uma organização clínica, uma técnica psicanalítica*, um sistema de pensamento e uma modalidade de transmissão do saber (análise didática*, supervisão*) que se apóia na transferência* e permite formar praticantes do inconsciente;
3. ao movimento psicanalítico, isto é, a uma escola de pensamento que engloba todas as correntes do freudismo* (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 603) [sic].

A psicanálise surgiu em 1883-1885, com os Estudos Sobre a Histeria de Sigmund Freud e Josef Breuer e foi usada como técnica para tratar pessoas com traumas, envolvidas pela Primeira Guerra e a neurose ocasionada por ela.

Sigmund Freud, considerado como “Pai da Psicanálise”, formado em Medicina pela Universidade de Viena em 1881, também possuía a formação de especialista em psiquiatria e Neurologia. Em casos clínicos Freud confrontou pacientes com limitações relacionadas à problemas nervosos, os quais a Medicina tradicional não conseguia tratar.

Freud conheceu Josef Breuer ¹em 1880 que lhe prestou grande auxílio. Ele foi durante cerca de 15 anos o mais seguro apoio de Freud e, ao que tudo indicaria, Breuer teve o grande mérito de admitir a excepcional qualidade do jovem protegido, a despeito das mais chocantes ousadias (PERRON, 1991).

Breuer comunicou a Freud que, vários anos antes, tratara uma mulher histérica por hipnose e verificou que seus sintomas desapareceram quando ela foi capaz, em estado hipnótico, de lembrar a experiência e a emoção que conduziram àquele sintoma (PERRON, 1991) e assim Freud levou este método para seus pacientes, aplicando e obtendo bons resultados.

¹ Médico e fisiologista austríaco.

Freud realizou um estágio junto a Jean-Martin Charcot, médico e cientista, em 1885, onde se usando da hipnose acreditava estar evoluindo com seu estudo sobre os estados mentais. O próprio Charcot acreditava que aquilo não teria valor terapêutico realmente, pois àquela base constitucional que fazia o paciente entregar-se à ocasião hipnótica não era modificável; mas, isso mostrava que se tratava de fenômenos psíquicos, que poderiam ser acessados à experimentação (PERRON, 1991).

Assim Freud retorna para Viena em 1886, onde, então, buscou unir seus estudos com os de Josef Breuer que, fazendo com que seus pacientes descrevessem suas fantasias e alucinações, conseguia reduzir os sintomas da doença mental. Definiram como método catártico o tratamento que liberava de afetos e emoções de eventos traumáticos, do passado, com revisitações nos ocorridos do passado, assim obtendo o desaparecimento de sintomas e, em 1893-1895, publicaram em conjunto a obra “*Estudos sobre a Histeria*”.

Em 1906, Sigmund Freud utilizou a primeira vez do termo “Psicanálise”. O grande foco de estudo de Freud sempre foi o de relação de memórias com origens sexuais na infância e, desse modo, divergindo de Breuer, situação que o fez romper laços com Breuer.

Em seus estudos, um dos pontos primordiais de Freud foi a sexualidade humana. Ainda, é importante destacar a sua criação do termo inconsciente e de outros que, posteriormente, foram denominados como: o complexo de Édipo, o conceito de libido e a teoria da incompletude.

Freud usou-se, provisoriamente, como descrito pelo blog Psicanálise Clínica² (2017), de uma prática intitulada “técnica da pressão” em que pressionando a testa do paciente, tentava que o consciente recebesse conteúdos inconscientes para que fossem externados (falados), porém, esse método brevemente foi desvalido pelo próprio médico Freud.

Após, Freud nomeou o método da associação livre que, nunca foi abandonado pelo psicanalista pois, o sujeito trazia para a conversa todos seus conteúdos sem que houvesse qualquer julgamento e, para que fossem analisados e interpretados por Freud, enquanto ele se usava de atenção flutuante³ para relacionar falas com conteúdos inconscientes daquele paciente, fazendo uma análise completa.

Ocorreram dois momentos importantes na trajetória de Freud que são os da criação da Primeira Tópica e da Segunda Tópica. A Primeira Tópica, também conhecida como Modelo Topográfico, dividia o aparelho psíquico em três sistemas: Consciente, Pré-Consciente e

² Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/origem-e-historia-da-psicanalise/>

³ Termo para designar a regra técnica segundo a qual o psicanalista deve escutar seu paciente sem privilegiar nenhum elemento do discurso deste e deixando que sua própria atividade inconsciente entre em ação. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 39)

Inconsciente. A Segunda Tópica, intitulada como Modelo Estrutural, sendo ativo e dinâmico se dividia em: ID, Ego e Superego.

Freud, assim como a grande maioria de pensadores e pesquisadores, não teve fácil aceitação de seu método e estudos, porém, os desenvolveu e publicou sendo um grande contribuinte para o que hoje temos da Psicanálise em sua obra completa.

Ainda, devemos destacar que Alfred Adler e Carl Gustav Jung tiveram sua aproximação da psicanálise, mas ambos deixaram essa linha de conhecimentos para fundamentarem a Psicologia Individual (Alfred Adler) e a Psicologia Analítica (Carl Gustav Jung).

2.1 Conceitos abordados

O Acadêmico Professor Antonio Meneghetti em seu livro “Imagem e Inconsciente” (2012) expõe sobre convalidações de conceitos de outras áreas de estudo. Iniciaremos a análise com os conceitos que são convalidados de Sigmund Freud sendo: Id, Ego, Superego e projeção entendendo o seu significado na Psicanálise e também na Ciência Ontopsicológica. Quando trata sobre Sigmund Freud, Antonio Meneghetti expõe:

Permanecem convalidados os princípios freudianos de Id, Ego, Superego, princípio de prazer e de realidade, instinto de vida e de morte, deslocamento dinâmico, identificação e investimento objetual com cargas e contracargas, angústia real e neurótica, mecanismos de defesa, remoção, projeção, sublimação etc., formações reativas e fixações regressivas, fases oral, anal, fálica, genital, cena primária, e grande parte da análise sobre a dinâmica associacionista e onírica, mantendo sempre na pesquisa o sistema indutivo e nunca o dedutivo. Não concordo no que diz respeito à exposição do complexo edípico (MENEGETTI, 2012b, p. 19-20).

Seguindo a análise, traremos conceitos junguianos dos quais também houve a convalidação que são: arquétipos, complexos e inconsciente individual. Sobre conceitos Junguianos, Antonio Meneghetti expõe:

Permanecem convalidados os princípios junguianos dos arquétipos, dos complexos, de inconsciente individual e coletivo, de Eu, de persona, de animus e anima, de self, das funções de compensação, de oposição e de síntese transcendente, de energia psíquica e de valores psíquicos, de poder constelador de um complexo, dos princípios de equivalência e de entropia, de progressão e regressão, de causalidade teleológica, do processo de individuação, da remoção sublimada e simbolizada (MENEGETTI, 2012b, p. 20).

Finalizando, falaremos do conceito adleriano de ordem de nascimento. Sobre conceitos de Alfred Adler temos a convalidação também “os princípios de vontade de potência ou aspiração à superioridade, sentimento de inferioridade e compensação, interesse social, estilo de vida, *self* criativo, ordem de nascimento e experiências relativas à infância e personalidade” (MENEGETTI, 2012b, p. 20).

É importante destacarmos que, mesmo de conceitos convalidados houve, em certo ponto a apropriação e reapropriação de sentido de cada conceito, para que assim, fosse possível através de um conceito já antes estudado e citado criar uma significância para o mesmo dentro da Ciência Ontopsicológica.

Para essa análise, consideraremos: conceito original, descrição, conceito ontopsicológico, descrição, distinção e semelhança do conceito.

2.2 Sigmund Freud, a Psicanálise e conceitos estudados

Sigmund Freud desenvolveu a técnica psicanalítica que, em essência, consiste “em que o paciente empreende a comunicação ao psicanalista de quaisquer pensamentos, sem exceção, que lhe venham à mente abstendo-se de exercer sobre eles uma orientação consciente ou uma censura” (BRENNER, 1975, p. 23).

Para Sigmund Freud, o inconsciente⁴ seria constituído de pulsões e desejos que, quando reprimidos, poderiam gerar efeitos nocivos à saúde psíquica ou, como chamava, neurose⁵.

Ele desenvolveu, considerando esta afirmação, um método para a cura dessas neuroses através da fala, analisando o sujeito, buscando a origem dessa desordem ou problema psíquico. Para ele, deixar o inconsciente falar era o modo mais eficiente para que se pudesse superar os traumas e curar as desordens. Ainda, é importante que destaquemos que denominou, como recalque ou repressão, àquelas resistências que afastariam determinadas coisas do consciente. A repressão estaria ligada a uma atividade do ego que barra a consciência. Freud descreve-a como:

⁴ Na primeira tópica elaborada por Sigmund Freud, trata-se de uma instância ou um sistema constituído por conteúdos recalcados que escapam às outras instâncias, o pré-consciente e o consciente. Na segunda tópica, deixa de ser uma instância, passando a servir para qualificar o isso e, em grande parte, o eu e o supereu. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 375)

⁵ Na neurose, há um conflito entre o eu e o isso e a coabitação de uma atitude que contraria a exigência pulsional com outra que leva em conta a realidade. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 536)

A teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da Psicanálise. É a parte mais essencial dela e todavia nada mais é senão a formulação teórica de um fenômeno que pode ser observado quantas vezes se desejar se se empreende a análise de um neurótico sem recorrer à hipnose. Em tais casos encontra-se uma resistência que se opõe ao trabalho de análise e, afim de frustrá-lo, alega falha de memória. O uso da hipnose ocultava essa resistência; por conseguinte, a história da Psicanálise propriamente dita só começa com a nova técnica que dispensa a hipnose (FREUD, 1996, p. 26).

O segundo mecanismo de defesa descrito por ele seria a formação reativa, onde uma de duas atitudes, ambivalente, por exemplo, ódio, irá para o inconsciente e permanece assim, e age-se de modo gentil. O impulso original não desaparece, mas, permanece, inconscientemente, de modo original. E assim, onde experimenta-se o amor como uma forma reativa de ódio, não se pode dizer se um substitui o outro porque, o amor mascararia o ódio.

Freud inicialmente, através do Modelo Topográfico, descrito como sua Primeira Tópica, construída pela análise do sonho e da histeria, realizou a separação do aparelho psíquico do seguinte modo: o inconsciente seria aquele que, seria prototípico pelo reprimido e poderia se apresentar de dois modos, o latente que é capaz de consciência e àquele que é reprimido, que não é capaz de consciência; esse que é latente, descrito também como inconsciente e não sendo em sentido dinâmico podemos denominar pré-consciente. O inconsciente seria àquele reprimido também dinamicamente inconsciente (FREUD, 2011). Sendo assim, levantamos três conceitos: consciente, pré-consciente e inconsciente. O pré-consciente é muito mais próximo do consciente do que do próprio inconsciente (FREUD, 2011).

Aprofundando um pouco mais, o consciente receberia informações tanto internas quanto externas, não sendo capaz de armazenar memórias e registrando as informações pelo prazer ou desprazer que implicavam; já o pré-consciente seria capaz de armazenar pequenos registros e funcionaria como um filtro do que passaria do inconsciente ao consciente; e o inconsciente seria aquele local onde ficariam as pulsões e tudo relacionado a elas como energias. Serve como o armazenamento de todas as repressões também secundárias.

Após formalizado o estudo sobre a Primeira Tópica, Freud ainda identificava que a questão de diferenciação entre o inconsciente e o consciente eram uma questão de percepção e, que, poderia ser negligenciada a distinção entre os dois, e identificou elas como insuficientes (FREUD, 2011). Deste modo, Freud deu início ao estudo do Eu.

Freud iniciou, então, o estudo sobre o Eu, que seria na pessoa a estruturação coerente de processos psíquicos e seria ligado com a consciência (FREUD, 2011). Neste mesmo Eu foi encontrado uma parte inconsciente, comportando-se como reprimido que, mesmo sem se

tornar consciente poderia exercer diversos efeitos e assim temos a dualidade do Eu que é coerente com aquilo reprimido, assim sendo aquele separado (FREUD, 2011).

Freud chegou a novas conclusões e até mesmo correções: o inconsciente não coincidiria com o reprimido mas, continuaria certo que quase todo aquele reprimido era inconsciente mas que, nem todo inconsciente deveria ser obrigatoriamente também reprimido. O Eu, poderia também ter uma parte inconsciente e este, não seria latente no sentido de pré-consciente pois, deste modo não seria ativo sem tornar-se consciente (FREUD, 2011).

Deste modo, foi preciso instituir um terceiro inconsciente, esse não sendo reprimido e assim a inconsciência perderia importância e tornar-se-ia ambígua (FREUD, 2011).

Neste ponto, seguindo seus estudos foi necessário o desenvolvimento de sua Segunda Tópica, intitulada como Modelo Estrutural, que serve como base para a nossa análise de conceitos psicanalíticos convalidados e utilizados pela Ontopsicologia.

A segunda tópica foi necessária para que se pudesse incluir a pulsão de morte na estrutura anímica, como a compulsão da repetição e, assim, poder localizar onde as resistências surgiriam. Iniciando o estudo dessa tópica temos o Id/Isso que também é chamado por Freud de um algo psíquico, sendo para nós um irreconhecido e inconsciente onde em se localiza o Eu em sua superfície e, em seu núcleo desenvolvido com base naquele sistema perceptível (FREUD, 2011). Seria assim constituído por pulsões e, considerado o constituinte psíquico e biológico da personalidade. É comandado pelo princípio de prazer e conversa com o Ego sobre o exterior e Superego no que foi introjetado; trazendo sobre o Eu, é importante destacar que este não envolve inteiramente o Id (FREUD, 2011).

Seguindo, temos o Eu/Ego que, representa a razão e circunspeção. O Eu normalmente possui o controle de acessos à motilidade. É também, corporal não sendo somente superficial mas é a projetividade de superfície (FREUD, 2011). Ainda possuindo raízes no inconsciente, o ego é a origem dos mecanismos de defesa, enquanto é desenvolvido pelo Id, para realizar a mediação com a realidade externa. Faz o armazenamento das angústias, símbolos e outros aspectos que se encontram inconscientes; Superego/Supereu: as vivências daquele Eu que se repetem com frequência, mesmo parecendo perdidas, se transformam assim em vivências do Id e esse, guarda os resíduos daquelas existências de eu e, quando o Eu cria o Superego através do Id, pode fazer assim evidenciar formas anteriores de Eu (FREUD, 2011). O superego é assim, o responsável por armazenar todas aquelas informações interiorizadas de criança, juntamente com as identificações. Pode registrar todas as ameaças, promessas, valores, limitações, dentre outros conteúdos e, segundo Freud, quem garantiria a vida normatizada das pessoas.

O pai da Psicanálise analisou e destacou que, o corpo da criança, sua experiência com ele seria grande influenciadora no seu processo de maturação e assim exercendo efeitos sobre a psique. Considerava as experiências de frustrações que se repetiam, de modos diferentes, durante a infância, como fator mais significativo no desenvolvimento do sentido da realidade. Seria através delas que o bebê aprenderia que as coisas do mundo se vêm e vão e, que assim estariam ausentes e presentes. Nesse ponto, não são o eu mas assim sendo fora do eu (BRENNER, 1975).

Em seu método trazia que pulsões pelo prazer então presentes na vida de uma criança pelas fases: oral, que seria a primeira e, seria o prazer pela boca, organizando a libido⁶, podendo realizar assim a identificação; fase anal, que seria englobada pelo controle de funções excretórias, ou seja, do ânus e; fase fálica ou genital, ainda conhecida como edípica, que seria sentir o prazer em órgãos genitais.

Importante ainda para compreender a psicanálise freudiana é compreender a neurose que, como já precitado, seria o modo que o inconsciente usa para trabalhar com os traumas e psicose porque, nesta, o indivíduo não é capaz de distinguir o que é real do que não é.

Outra importante contextualização é ligada ao Complexo de Édipo que consente no envolvimento de desejos amorosos por parte da criança aos pais, por volta de 3 anos de idade, sendo positivo ou negativo. O mesmo é formado pela triangulação, em que existe um terceiro na relação (há a criança e o genitor desejado e ainda um terceiro); identificação; angústia da castração, quando a criança sente-se excluída da cena primária e, pseudogenitalidade, quando o complexo não é resolvido e persegue o adulto.

Freud ainda considerava a projeção como um mecanismo de defesa, em que o sujeito atribuiria qualidades e defeitos a outra pessoa mas, na verdade, essas qualidades e defeitos seriam pertencentes à sua própria personalidade e que projetamos no outro. Esse termo será estudado por sua convalidação pela Ciência Ontopsicológica.

Freud trouxe, também, manifestações dos sonhos em suas análises. Usando da técnica psicanalítica, Freud demonstrou que, por trás do sonho existem pensamentos e também desejos inconscientes e, assim pode estabelecer a regra que, quando se é produzido um sonho, ele é provocado por atividade mental inconsciente para quem sonha e, caso não aplicado a técnica psicanalítica, seguiria nesta esfera (BRENNER, 1975). Destaca:

⁶ Freud teria tomado emprestada a terminologia da sexologia para abrir caminho para uma nova concepção do Eros platônico, na qual a libido, identificada com a pulsão sexual, tornou-se uma pulsão de vida (Eros), em oposição à pulsão de morte (Thanatos). (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 472)

Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que me deparei com a interpretação dos sonhos. Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as idéias ou pensamentos que lhes ocorressem em relação a um assunto específico; entre outras coisas, narravam-me seus sonhos, e assim me ensinaram que o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma idéia patológica. Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas. Devemos ter em mira a promoção de duas mudanças nele: um aumento da atenção que ele dispensa a suas próprias percepções psíquicas e a eliminação da crítica pela qual ele normalmente filtra os pensamentos que lhe ocorrem (FREUD; TRAUMDEUTUNG, 1900, p. 78) [sic].

Para que a análise de sonhos fosse possível era necessário que o analisado estivesse em uma posição de repouso, segundo ele descreve:

Para que ele possa concentrar sua atenção na observação de si mesmo, é conveniente que ele se coloque numa atitude repousante e feche os olhos. É necessário insistir explicitamente para que renuncie a qualquer crítica aos pensamentos que perceber. Dizemos-lhe, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele notar e relatar o que quer que lhe venha à cabeça, e de não cair no erro, por exemplo, de suprimir uma idéia por parecer-lhe sem importância ou irrelevante, ou por lhe parecer destituída de sentido. Ele deve adotar uma atitude inteiramente imparcial perante o que lhe ocorrer, pois é precisamente sua atitude crítica que é responsável por ele não conseguir, no curso habitual das coisas, chegar ao desejado deslindamento de seu sonho, ou de sua idéia obsessiva, ou seja lá o que for (FREUD; TRAUMDEUTUNG, 1900, p. 78-79) [sic].

Sigmund Freud via como principal ponto a ser estudado para análise da personalidade a sexualidade, como ele mesmo nos coloca:

Tenho observado, em meu trabalho psicanalítico, que todo o estado de espírito de um homem que esteja refletindo é inteiramente diferente do de um homem que esteja observando seus próprios processos psíquicos. Na reflexão, há em funcionamento uma atividade psíquica a mais do que na mais atenta auto-observação, e isso é demonstrado, entre outras coisas, pelos olhares tensos e o cenho franzido da pessoa que esteja acompanhando suas reflexões, em contraste com a expressão repousada de um auto observador (FREUD, 1900, p. 98).

Considerando o estudo desenvolvido por Sigmund Freud podemos verificar que ele já desenvolveu sua teoria sob o consciente e, principalmente, sobre o inconsciente do homem que seria grande agente na dinâmica consciente.

Sendo assim, os conceitos de id, ego, superego e projeção serão os conceitos estudados que foram convalidados da Psicanálise pela Ontopsicologia.

2.3 Carl Gustav Jung, a Psicologia Analítica e conceitos estudados

Carl Gustav Jung, nascido em Kesswil, na Suíça mudou-se muito jovem para Basileia onde, mais tarde, veio a formar-se em medicina. Após concluir seu curso começou a trabalhar na Clínica Bugholzi, em Zurique, sendo assistente de Eugen Bleuler, que foi o psiquiatra que primeiro descreveu a esquizofrenia⁷.

Jung era muito interessado pelo estudo do inconsciente e por este motivo entrou em contato com Sigmund Freud, através de carta e, houve uma grande troca de correspondência pelos dois.

O primeiro encontro de Sigmund Freud e Jung ocorreu em 17 de fevereiro de 1907, onde, durante 13 horas estiveram juntos e firmaram amizade.

Após 1912, os dois começaram a ter diversas divergências de teorias pois, Freud não admitia o interesse de Jung em fenômenos espirituais e Jung afirmava que a libido deveria ser considerada como a totalidade de energia psíquica do indivíduo.

Considerando as discordâncias, eles resolveram separar-se e assim Jung se afastou do movimento psicanalítico.

Em Jung, é importante que destaquemos o termo de terapia individual enquanto traz à tona uma contraposição da psicologia: “o individual não importa perante o genérico, e o genérico não importa perante o individual” (JUNG, 1985, p. 3) e, a trabalha de um modo distinto ao ponto que afirma: “Como é sabido não existe um elefante genérico; apenas elefantes individuais. Mas, se o genérico não existisse, e houvesse uma constante multiplicidade de elefantes, um elefante único e individual seria extremamente inverossímil” (JUNG, 1985, p. 3).

É um importante psicanalista enquanto traz o psicoterapeuta como um leitor de declarações legítimas acerca do individual a sua frente (indivíduo entendido aqui enquanto individual e, não como genérico) e que permite que seu sistema se relacione com o daquele individual a sua frente:

[...] Por isso, quer eu queira quer não, se eu estiver disposto a fazer o tratamento psíquico de um indivíduo, tenho que renunciar à minha superioridade no saber, a toda e qualquer autoridade e vontade de influenciar. Tenho que optar necessariamente por um método dialético, que consiste em confrontar as averiguações mútuas. Mas isto só se torna possível se eu deixar ao outro a

⁷ Termo cunhado em 1911, a partir do grego schizein (fender, clivar) e phrenós (pensamento), para designar uma forma de loucura e cujos sintomas fundamentais são a incoerência do pensamento, da afetividade e da ação (chamada Spaltung ou clivagem), o ensimesmamento (ou autismo) e uma atividade delirante. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 189)

oportunidade de apresentar seu material o mais completamente possível, sem limitá-lo pelos meus pressupostos. Ao colocar-nos dessa forma, o sistema dele se relaciona com o meu, pelo que se produz um efeito dentro do meu próprio sistema. Este efeito é a única coisa que posso oferecer ao meu paciente individual e legitimamente (JUNG, 1985, p. 3).

Ainda sobre a terapia individual, Carl Gustav Jung se coloca como o primeiro a levantar a exigência da análise do próprio analista enquanto antes, já Freud havia relatado que, os analistas estão também sujeitos a ações de seu próprio complexo⁸. Jung descreve que, a análise do analista seria importante enquanto o mesmo trabalha com a dialética e, ao se relacionar com outro sistema psíquico seria necessário a fala e compreensão igualmente.

Jung (1964) também fundamentou estudos sobre o inconsciente pessoal/individual e inconsciente coletivo; o inconsciente coletivo guardaria alguns daqueles símbolos oníricos provenientes de uma parte da psique que seria capaz de reter e realizar a transmissão da herança psicológica que é comum da humanidade. É importante destacar que por serem símbolos antigos e tampouco familiares, o homem por si só não seria capaz de compreendê-los ou assimilá-los sozinho, é necessário um analista.

Jung (1964), aborda que a criança, é um, integral, um todo antes que seu ego apareça conscientemente. Já àquele adulto, pode alcançar a sua integridade unindo conteúdos conscientes, mas, também inconscientes de sua mente, o que é chamado de “função transcendente da psique”, que consente ao homem a plena realização de suas potencialidades, de seu *self* ou até mesmo, ser.

Temos assim, segundo Jung (1964), os “símbolos de transcendência” que são marcados pela luta do homem de alcançar esse objetivo e que fornecem meios para que os conteúdos do inconsciente possam adentrar no consciente e são uma expressão desses conteúdos.

Com estes estudos de Jung, foi possível entendermos também, segundo Marie-Louise Von Franz (1964), que, a sombra é importante no estudo do inconsciente enquanto que, não representa o todo da personalidade inconsciente mas, representa qualidades e atributos não acessados, não conhecidos ou pouco conhecidos pelo ego. Esses pertencem àquela esfera pessoal e poderiam ser conscientes. Desse modo, quando a pessoa tenta acessar a sombra, ela fica consciente e inclusive, envergonhada por essas tendências e impulso que nega em si. Ao ponto que se observa no outros as próprias tendências inconscientes, estamos fazendo projeção segundo Marie-Louise Von Franz (1964).

⁸ Os complexos seriam fragmentos soltos de personalidade ou grupos de conteúdo psíquico separados do consciente e que têm um funcionamento autônomo no inconsciente, de onde podem exercer influência sobre o consciente. (PLON; ROUDINESCO, 1998, p. 123)

O conceito de *anima* também foi estudado por Jung e esta representaria na psique do homem, segundo Marie-Louise Von Franz (1964) aquela personificação de tendências psicológicas femininas, enquanto que *animus* seria o contrário, seria a personificação masculina daquele inconsciente na mulher, podendo apresentar aspectos positivos ou negativos.

A importante distinção para Jung (2000) de inconsciente pessoal e inconsciente impessoal ou suprapessoal ou coletivo está em que, o pessoal contém lembranças, que foram perdidas ou até mesmo reprimidas de forma proposital, percepções que não ultrapassam a consciência e ainda não amadureceram para adentrarem à consciência, correspondendo assim à sombra. Já aquele inconsciente coletivo, é desligado do pessoal e pode ser assim universal e, seus conteúdos podem assim serem encontrados em todas as partes.

Jung procurava estudar de uma maneira aprofundada os sonhos como descreve:

Se procurei explicar os princípios do método psicanalítico pela análise do sonho foi porque o sonho é um dos melhores exemplos de conteúdos psíquicos cuja composição não permite uma compreensão direta e imediata. Quando alguém prega um prego com o martelo para nele dependurar algo, entendemos perfeitamente cada passo da operação; ela é para nós imediatamente evidente. O mesmo não se dá com o ato do batismo, onde cada fase é problemática. Por isso denominamos esses atos, cuja significação e finalidade não são imediatamente perceptíveis, de atos simbólicos ou símbolos (JUNG, 1971, p. 152).

Para Jung, formaríamos ideias em nossa mente consciente antes da tomada de ação, ou seja, realizaríamos projeções psíquicas sendo elas reais ou não e a partir delas que compreenderíamos o mundo. Considerando isto, tudo seria reação de um estímulo feito de forma externa ou interna e, através dessa percepção adquiriríamos o conhecimento íntimo sobre um objeto.

Jung classificou como imprescindível ouvir o analisando, descrever um mal-estar e como é para ele ter isso então, considerando a percepção dele acerca desse incômodo porque cada pessoa pode ter uma percepção diferente acerca do que sente. Ainda, em seu caminhar do conhecimento percebeu que: “Um médico analista que leva a sério sua profissão colocado diante da exigência inexorável de comprovar em si mesmo os princípios da psicanálise. Terá a grata surpresa de verificar como inúmeras dificuldades técnicas da análise desaparecem” (JUNG, 1971, p. 195).

Ele dá nome a sua teoria, sendo ela, a psicologia analítica onde seria fundamental para o desenvolvimento do homem o processo de autorrealização e alcance da individualidade. Destaca:

É preciso repetir sempre de novo que a compreensão teórica e prática da psicanálise é uma função do autoconhecimento analítico. Onde falta autoconhecimento, também não floresce a psicanálise. Esta afirmação é paradoxal apenas na medida em que acreditamos que nos conhecemos a nós próprios. E quem não acredita? Todos os que são interrogados a respeito afirmam-no com a mais profunda convicção. Contudo, não é verdade; trata-se de uma ilusão infantil que constitui um dos requisitos da aparência segura e convincente. Não há dúvida, por exemplo, de que um médico que encobre uma falta clamorosa de conhecimentos e de habilidades por um alto grau de autoconfiança nunca poderá praticar a análise, pois, neste caso, teria de confessar a verdade a si mesmo e tornar-se inviável a seus próprios olhos (JUNG, 1971, p. 66).

Jung (2000) realizou seu estudo também sobre as camadas mais profundas do inconsciente e essas, portavam imagens humanas universais e também originárias. Segundo ele, seriam resultados de milhares de vivências de gerações que formariam assim o inconsciente coletivo. Dividiremos os arquétipos em:

- a) *Persona*: como o homem se apresentaria para a sociedade, seu papel;
- b) *Sombra*: aspectos de sua personalidade que não conhecemos, virtudes, defeitos;
- c) *Anima*: todos os homens possuem aspectos femininos e, anima seriam esses aspectos constituintes de sua personalidade;
- d) *Animus*: todas as mulheres possuem aspectos masculinos e seriam esses aspectos constituintes de sua personalidade;
- e) *Grande Mãe*: fruto de experiências de ancestrais é imitar os aspectos positivos e negativos pelos filhos acerca da mãe. Engloba assim, aspectos positivos (fertilidade e nutrição) e negativos (poder e destruição) da condição materna que é provedora e destruidora;
- f) *Self*: diz respeito ao autoconhecimento, compreensão do sentido de vida/morte.

Podemos compreender a estruturação dos arquétipos em:

Denominei este modelo instintivo, congênito e preexistente, ou respectivamente o "pattern of behaviour", de arquétipo. Esta é a imagem, carregada com o dinamismo, que não podemos atribuir a um ser humano individual. Se este poder estivesse realmente em nossas mãos, ou sujeito à nossa vontade, ficaríamos tão esmagados pela responsabilidade que ninguém, em sã consciência, ainda ousaria ter filhos. Mas o poder do arquétipo não é controlado por nós; nós é que estamos à disposição dele num grau que nem suspeitamos. Há muitos que resistem à sua influência e compulsão, mas também há muitos que se identificam com o arquétipo, como, por exemplo, com a *patris potestas* ou com a rainha do formigueiro (JUNG, 1971, p. 305-306).

Segundo ele, um único homem poderia manifestar diversos arquétipos em sua personalidade. Conforme o blog Significados⁹, as classificações que simbolizariam motivações básicas do homem seriam:

- a) Sábio: aquele que busca conhecimento e autorreflexão, assim analisa e age com sabedoria e inteligência;
- b) Mago: acredita na renovação e age diretamente renovando as relações;
- c) Explorador: age com liberdade, buscando o novo;
- d) Criador: artista, inventor; é aquele que dá vida em sua imaginação, para coisas que não existem;
- e) Herói: é o guerreiro e assim sempre responsável pela proteção de todos;
- f) Rebelde: o que está fora dos padrões;
- g) Amante: dá grande importância a relações;
- h) Tolo: sempre está divertido, fazendo piadas;
- i) Cuidador: sempre está cuidando de outros e pensa no bem comum;
- j) Homem comum: age conforme o que a sociedade impõe;
- k) Inocente: sempre enxerga tudo como positivo e, pode ser ingênuo;
- l) Governante: o líder. Tem autoridade e se impõe, mas pode ser autoritário.

Ainda, um estudo importante de Jung foi o de complexo que, para ele, seria um conjunto de estruturas ou padrões de organização da psique pessoal fundamentais para nosso desenvolvimento. A função mais importante dos complexos é integrar ou organizar nossas vivências fornecendo referência e repertório de ações ao Ego.

Assim, os conceitos estudados por este trabalho, são arquétipos, complexos e inconsciente individual.

2.4 Alfred Adler, a Psicologia Individual e conceito estudado

Para que possamos dar sequência ao estudo de nossos autores trazemos Alfred Adler, importante contribuinte com conceitos que fundamentam esse trabalho.

Alfred Adler, por Friedrich (2022), ou como sempre chamado Adler, foi um médico e psicólogo austríaco, nascido em Viena, sendo o segundo de seis filhos e, debilitado pelo raquitismo infantil, era protegido pelo pai e rejeitado pela mãe.

⁹ Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/>

Iniciou sua carreira como oftalmologista e após passou para a clínica geral, com consultório privado.

Juntamente com Sigmund Freud, Alfred Adler realizou pesquisas no campo da psicanálise e, em primeiro momento, posicionando-se a favor da teoria de Freud. Adler, experimentando-se da teoria de Freud modificou-a pois acreditava que duas pessoas não poderiam se usar dos mesmos métodos em contato com seres humanos.

Convidado por Sigmund Freud (Sigmund também era o nome de seu irmão ao qual tinha ciúmes), fez parte da fundação das reuniões da Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras¹⁰ que, foi modelo para as sociedades posteriormente reunidas. Adler no entanto “queria e estava disposto a aprender, mas entendia que o que aprendia, o assimilaria a seu próprio modo de pensar e o usaria como um elemento em seu trabalho independente” (FURTMÜLLER, 1968, p. 296).

Em 1906, ao apresentar uma palestra a respeito da base orgânica das neuroses ficou evidente o movimento de sua dissidência na Sociedade das Quartas-Feiras (HANDLBAUER, 2000, p. 45), que em 1907 deu origem ao livro *Studie über Minderwertigkeit von Organen* (Estudo sobre a inferioridade dos órgãos).

Mesmo com as diferenças de teorias, essas foram toleradas pelo grupo, porém, em 1911, Freud escreveu uma carta para Adler, “anunciando que já não podia mais ser responsável da edição juntamente com Adler, ele teria que escolher entre ambos” (FURTMÜLLER, 1968, p. 300). Por isso, Adler renunciou ao seu cargo de editor e presidente na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Após o ocorrido, Freud levantou na reunião da Sociedade das Quartas-Feiras que os membros de qualquer sociedade fundada por Adler eram incompatíveis com membros de seu grupo e, nove membros agradeceram pelo que haviam aprendido abandonando as reuniões e uniram-se à Adler.

Seguindo a análise é importante ressaltar que em 1911 Alfred Adler fundou a “Sociedade Psicanalista Livre” e que um ano mais tarde, em 1912 passou a ser chamada de “Sociedade de Psicologia Individual” pois, “Freud insistia em que o termo psicanálise devia ser reservado exclusivamente para as verdades e os erros que ele apoiava pessoalmente” (FURTMÜLLER, 1968, p. 318), tendo sempre como escopo o falar no individual visto que para o autor, os fatores sociais não impactam a todos da mesma forma.

¹⁰ Sociedade criada por Sigmund Freud para debater sobre Psicanálise e poderem assim fazer com que a mesma crescesse.

Podemos contribuir que, para Adler essa psicologia “se referia a personalidade e que não via apenas as diferentes ações e ideias do indivíduo como causa de poderes psíquicos isolados, ou motivados de experiências isoladas, mas, também, que via diferenças ou a unidade em relação com o todo no retrato psicológico do indivíduo” (LEAL; MASSIMI, 2017, p. 806).

Adler não levava em consideração em sua análise o inconsciente do paciente, apenas fazia um trabalho que se podia considerar como orientação sobre como conduzi-lo para olhar ao seu estilo de vida, dando passagens para orientação da situação que se encontrava e de como poderia por exemplo, de forma prática mudar seu modo de agir sobre algo e até mesmo do que deveria fazer para que a situação fosse encarada de outro modo.

Houve discordâncias sobre o nome psicologia individual, pois, a mesma não se referia ao homem sendo entendido de modo isolado e, inclusive, abordava que a vida social do homem antecederia a vida individual. Podemos compreender Psicologia Individual do seguinte modo:

À sua época, e ainda nos atuais dias, [tendia-se] a entender [à] Psicologia Individual como uma Psicologia individualista, que se [limitava] a focar o sujeito [única e exclusivamente] em suas particularidades. Mas, pelo contrário, ao escolher o termo Psicologia Individual, Adler pautou-se no pressuposto de que, por ser o indivíduo (do latim *individuus*; IN = não e *DIVIDUUS* = divisível) uma unidade indivisível, é impossível estudá-lo isolado de sua totalidade e de sua unicidade, sem levar em consideração a realidade social a que pertence e sua influência na construção de sua personalidade (LEAL; ANTUNES, 2015, p. 16).

Para Adler, o sistema da Psicologia Individual e seu método seriam:

A Psicologia Individual, baseada nessa verificação, cria para si mesma um sistema e um método heurísticos: considerar o procedimento humano e compreendê-lo como se um sistema, uma constelação de relações se tivesse produzido sob a influência do esforço para alcançar-se a meta visada, na base das potencialidades herdadas, do organismo. Nossa experiência revelou-nos que o pressuposto dessa luta por uma meta e mais do que uma simples ficção vantajosa. Mostrou-nos que coincide largamente com os fundamentos reais, quer da vida consciente, quer da inconsciente. O esforço para atingir-se um alvo, a finalidade e o propósito da vida psíquica, não é somente uma presunção filosófica, senão também um fato fundamental (ADLER, 1957, p. 81) [sic].

As dinâmicas patológicas para Adler seriam resultado de complexos de inferioridade relacionados aos conflitos sociais que inclusive, poderiam implicar em neuroses e psicoses.

Em seu Livro *Praxis Und Theorie Der Individual-Psychologie*, Adler fala também sobre as doenças dos órgãos e anomalias constitucionais onde diz:

Demonstrei que, as anomalias constitucionais congênitas não devem ser consideradas apenas como fenômenos de degeneração, mas que também podem dar origem a rendimento compensatório e hiper rendimento, bem como à fenômenos de correlação muito importantes para os quais a atuação psíquica intensificada contribui de forma essencial. Este esforço psíquico compensatório ocorre frequentemente, para superar as situações difíceis da vida, em novas rotas, e parece experiente o suficiente para executar lindamente, para mascarar um déficit do qual você tem a sensação. A maneira mais difundida, com a qual você tenta se esconder um sentido de inferioridade nascido na primeira infância, consiste na construção de uma superestrutura de pensamento, que tenta no *modus vivendi nervoso*, para recuperar na vida a superioridade e uma posição com provisões e segurança prontas e em pleno funcionamento. (ADLER, 1967, p. 37, tradução nossa).¹¹

Ainda é importante destacarmos que, para Adler, a vida psíquica seria um complexo de atividades sendo ofensivas e defensivas, para garantir a continuidade da existência do humano e habitá-lo para melhor realizar o seu desenvolvimento por outro, não poderíamos imaginar a vida psíquica isolada (ADLER, 1957).

Para Adler, a vida psíquica do homem sempre seria determinada pelo seu objetivo e, fenômenos tanto físicos como psíquicos se baseariam nesses fundamentos acentuados. Então, os fenômenos da vida da alma, seriam a preparação para alguma situação futura (ADLER, 1957).

Adler salientava que, o alvo pelo qual tenderiam todos atos do ser humano seriam determinados por influências recebidas já na infância. Assim, estruturou um estudo sobre a ordem de nascimento e sua importância para a formação da personalidade e, ainda, considerava um ponto crucial no entendimento de neuroses e psicoses. Em seu estudo o enfoque estava voltado ao filho primogênito, segundo filho e o caçula, como nos escreve o blog Visus¹²(2018), e entendia-os como:

- a) Filho Primogênito: o filho que recebia muita atenção até o nascimento do irmão. Segundo ele, o primogênito seria neurótico, pois, por muitos anos não havia precisado compartilhar seus pais e após nasceria o outro para “roubar” o seu postulado. Ainda o filho primogênito poderia ser aquele obstinado a odiar as

¹¹ Texto original: “[...] ho dimostrato, che le anomalie costituzionali congenite non devono essere considerate unicamente come fenomeni di degenerazione, ma che possono anche dar adito ad un rendimento e iperrendimento compensatorio, nonché a fenomeni importantissimi di correlazione cui il rendimento psichico intensificato contribuisce in modo essenziale. Questo sforzo psichico compensatorio si svolge spesso, per poter superare le situazioni difficili della vita, su nuove vie, ed appare abbastanza esperto per adempiere in modo meraviglioso allo scopo di mascherare un deficit di cui si ha la sensazione. Il modo più diffuso, con cui si tenta di nascondere un senso d'inferiorità nato nella prima infanzia, consiste nella costruzione d'una soprastruttura psichica compensatoria, che tenta, nel *modus vivendi nervoso*, di riacquistare nella vita la superiorità e un punto d'appoggio con disposizioni e sicurezze bell'e pronte e in pieno esercizio [...]” (ADLER, 1967, p. 37).

¹² Disponível em: <https://visusconsultoria.com.br/artigos/a-relacao-entre-a-personalidade-e-a-ordem-de-nascimento-dos-irmaos#:~:text=entre%20pais%20e%20filhos%20e,desadaptativas%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20algumas>.

pessoas por este fato e sentir-se inseguro. Os pais deveriam preparar o filho primogênito para a chegada de seu irmão, do outro;

- b) O segundo filho, ou também filho do meio, seria o ambicioso. Ele precisa superar aquele mais velho e tende a ser mais invejoso e rebelde, porém, mais estruturado que o primogênito e caçula;
- c) O caçula: o filho mimado. Depois do primogênito, seria o que mais teria possibilidade de tornar-se uma criança problema e até neurótico.

Adler afirmava que a origem da neurose sempre estaria ligada ao primeiro e segundo ano de vida da criança. Ele deixa isso claro no seguinte trecho:

A origem da neurose pode ser rastreada até o primeiro e segundo ano de vida. Neste período, a atitude da criança em frente ao seu ambiente é formada. E o que os manifesta como “vício” ou “nervosismo” desenvolve mais tarde, sob a influência de uma educação errada até se tornar uma neurose. Se você quiser pesquisar o denominador comum da criança e do nervoso em relação ao ambiente, acontece que esta é a sua não-independência na vida. Ambos não chegaram ao ponto de serem capazes de lidar com as tarefas impostas pela vida sem garantir o suporte e o serviço de terceiros. E o nervoso exige isso em uma extensão muito maior do que é geralmente exigido pela lei da sociedade, mas no caso da criança faz a família por norma natural, no caso do nervoso deve ser a família, o médico e um ambiente menos restrito. Se com a criança é uma questão de ineptitude e fraqueza, no caso do nervoso estes recorrem ao meio da “doença”, colocar pessoas correspondentes antes de tarefas mais elevadas e impor maior ou maiores renúncias em favor dos próprios privilégios (ADLER, 1967, p. 61, tradução nossa).¹³

Adler desenvolveu importantes contribuições como a verdade absoluta que, seria ligada a presumirmos a lógica do grupo tal qual como existe neste planeta, como se fosse verdade absoluta e última, de que nós iremos aproximando passo a passo, pela correção de erros e equívocos resultantes de nossa organização incompleta e de nossas limitadas capacidades de seres humanos (ADLER, 1957, p. 38).

Devemos destacar que Adler também se valeu de conceitos como empatia e identificação que juntos possuem uma significância. Para Adler, a empatia ocorreria desde o

¹³ Texto original: “L’origine della nevrosi si può rintracciare fino dal primo e secondo anno di vita. In questo periodo si forma l’atteggiamento del bambino di fronte al suo ambiente. E ciò che si manifesta li come “vizio” oppure “nervosità” si sviluppa in seguito sotto la influenza di una educazione sbagliata fino a diventare una nevrosi. Se si vuol ricercare il denominatore comune del bambino e del nervoso rispetto all’ambiente, risulta che questo è la loro non-indipendenza nella vita. Tutti e due non sono arrivati al punto di poter affrontare i compiti imposti dalla vita senza garantirsi l’appoggio ed il servizio di terzi. Ed il nervoso pretende ciò in misura molto maggiore di quanto venga richiesto in genere dalla legge della società, ma nel caso del bambino lo fa la famiglia per norma naturale, nel caso del nervoso lo devono fare la famiglia, il médico ed un ambiente meno ristretto. Se presso il bambino si tratta di ineptitudine e di debolezza, nel caso del nervoso questi ricorre al mezzo della “malattia” per porre le persone corrispondenti davanti a compiti più alti e per imporre loro maggiore rendimento o maggiori rinunce a favore di privilegi propri” (ADLER, 1967, p. 61).

momento que um ser humano falaria com outro e seria assim impossível a compreensão do outro sem que fosse possível identificar-se com ele.

3 CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA

Em busca de responder o problema crítico do conhecimento levantado por muitas linhas de estudo, ciências e correntes filosóficas a Ontopsicologia parte do questionamento antes existencial e agora dá passagens de conhecimento teórico-práticas sobre a premissa: O homem é capaz de conhecer o que é o real?

Considerando uma frase presente no oráculo de Delfos já vimos essa busca com a mesma direção existencial com sua passagem que diz: “Conhece-te a ti mesmo”¹⁴ mas, seria o homem capaz de conhecer a si, de colher o seu real sem que houvesse uma distorção desse real?

A Ontopsicologia, ciência que tem como seu fundador e expressão máxima o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, baseia-se na busca do real, em colher através da ciência a essência do real projeto de cada homem.

Para compreendermos o ponto inicial da Ciência Ontopsicológica, precisamos compreender qual a busca primeira dessa ciência através de afirmações de seu fundador. Antonio Meneghetti apresenta no Manual de Ontopsicologia:

A Ontopsicologia não nasceu para resolver um problema particular, por exemplo, um aspecto de cura, de economia, de arte etc. A Ontopsicologia nasce de uma tomada de consciência sobre o estado de confusão de toda a pesquisa feita por milênios na história humana (MENEGETTI, 2010, p. 115).

Tendo como visão “o homem protagonista responsável, capaz de atuação pessoal no ser” (MENEGETTI, 2010, p. 130) e construindo o método bilógico, baseado no processo racional indutivo-dedutivo, com novidade de três descobertas sendo elas campo semântico, Em Si ôntico e monitor de deflexão busca compreender o homem usando de todo o homem.

Considerando o método bilógico pode-se afirmar que a Ontopsicologia se utiliza do sistema de conhecimento 1) Indutivo e 2) Dedutivo no qual, indutivo é aquele que a partir de casos conhecidos chega-se a um projeto geral e indutivo enquanto elementos já demonstrados e, ainda, nos traz a novidade do 3) Intuitivo, aliado às três descobertas.

A três descobertas segundo Meneghetti são:

- 1) Campo semântico: a comunicação-base que a natureza se utiliza entre suas individualizações. É um transdutor informático sem deslocamento de energia.
- 2) Em Si ôntico: o projeto de natureza que constitui aquele ser humano.

¹⁴ Frase proferida por Sócrates: “Conhece-te a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”.

- 3) Monitor de deflexão: mecanismo que distorce e interfere na exatidão da percepção do real.

Como Ciência a Ontopsicologia possui um objeto de estudo que é a atividade psíquica, ou seja, “toda a experiência psicológica humana, individua as causas que a constituem e os elementos que podem resolvê-la” (MENEGHETTI, 2010, p. 131). Utiliza-se da atividade psíquica enquanto o “númeno”, a alma, o informal que forma cada formal. “É transcendente, invisível e revela-se somente sob os efeitos” (MENEGHETTI, 2010, p. 131).

O fim da Ontopsicologia busca reportar a lógica do Eu à lógica do Em si ôntico para consentir realização, ou seja, reportar a lógica da consciência àquela lógica do Em Si ôntico.

3.1 Antonio Meneghetti

Para falarmos sobre o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti é muito importante que entendamos um pouco sobre sua trajetória. Esta linha do tempo apresentada a seguir foi extraída da edição comemorativa dos 35 anos da Ontopsicologia da Revista Nuova Ontopsicologia. Assim, segundo o Dossiê de Antonio Meneghetti, por Pamela Bernabei e Andrea Zoppolato (2008) contextualizamos alguns fatos históricos conforme segue:

Nascido em 9 de março de 1936 em Avezano, na Itália, Antonio Meneghetti fez seu percurso dentre as mais diversas áreas de estudo.

Com 14 anos iniciou a formação monástica, com os frades Minori Conventuali, em Assis, Gubbio, Spoleto e Roma. Em 1961 ordenou-se sacerdote e deu sequência aos estudos graduando-se em Filosofia e Biblioteconomia.

Em 1970, Meneghetti obtém três Doutorados: Filosofia, Ciências Sociais e Teologia e começa a ensinar Filosofia na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, em Roma.

Sua saída da Igreja Católica ocorre em 1972, com muito respeito e, abre seu primeiro escritório de psicoterapia em Roma, onde também dá cursos de formação.

Em 1973 publica seu primeiro livro de formalização da Ciência Ontopsicológica, Ontopsicologia do Homem. Neste ano também coordena o primeiro de 16 Congressos Internacionais de Ontopsicologia.

No ano de 1976 cria Lizori, centro cultural e artístico de OntoArte, o primeiro dos Centros Ecobiológicos de Ontopsicologia no mundo. Dois anos após, em 1978, funda a Associação Internacional de Ontopsicologia.

De 1981 a 1986 realiza a verificação do método ontopsicológico em pessoas de diversas etnias e culturas.

Em 1984 funda a Associação Escola Internacional de OntoArte e dois anos após é nomeado membro do Senado Acadêmico da Academia Internacional de Arte Moderna. No ano de 1988, em Santa Maria-RS, realiza a primeira conferência de Ontopsicologia no Brasil inicia a fundação do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, no qual realiza a primeira *vernissage* de OntoArte no Brasil.

Realiza em 1992 o I Congresso Brasileiro de Ontopsicologia com a temática Sistema e Personalidade, em São Paulo. No ano seguinte entrega o diploma de OntoArte *honoris causa* ao arquiteto Oscar Niemeyer.

Em 1995, realiza o XIV Congresso Internacional de Ontopsicologia, com o tema Psicologia Dirigencial e Criatividade, em Salvador, Bahia. Já em 1996 realiza o Seminário de OntoArte, no MASP com a temática: Criatividade: Pressupostos Teóricos e Práticos.

Um grande marco no ano de 1998 foi o recebimento do Grand Doktor Nauk em Ciências Psicológicas, na Rússia, sendo seu quarto título de Doutorado e em 1999 cria o curso de alta formação de liderança Isomaster.

No ano de 2000 realiza o Congresso Internacional com a temática Donna 2000: a Mulher do Terceiro Milênio, no Rio de Janeiro, Brasil.

Em 2001, na ONU, em Nova York profere a conferência: “Os líderes intelectuais se empenham para o desenvolvimento estável da humanidade” e dois anos após, em 2003 realiza o concerto de piano e órgão na Rússia, comemorando os 300 anos da cidade de São Petersburgo.

Em 2004, participa da instalação da Cátedra de Ontopsicologia na Universidade Estatal de São Petersburgo e dois anos após profere a conferência: “A nova pedagogia para a sociedade do futuro” na sede da UNESCO¹⁵, em Paris.

O ano de 2007 foi um grande ano, marcado pela autorização do funcionamento da Antonio Meneghetti Faculdade pelo Ministério da Educação, no Recanto Maestro, Brasil.

Em 2008 participa da solenidade de inauguração da Antonio Meneghetti Faculdade e é reconhecido pelo governo brasileiro como pesquisador e cientista estrangeiro de alto nível. Neste ano cria no Brasil a Fundação Antonio Meneghetti.

No ano de 2013, no dia 2 de março, participa da comemoração de 25 anos do Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista, Recanto Maestro. Em 26 de abril, profere sua última conferência, sendo: “Sexo e Psique” para um público de 400 pessoas, incluso alunos da AMF. Uma semana antes de sua morte pinta sua última obra, concede entrevista a um jornal

¹⁵ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

local sobre a identidade brasileira e conclui a Galeria de OntoArte no Centro Internacional de Arte e Cultura Humanista Recanto Maestro, Brasil.

No dia 20 de maio de 2013, falece aos 77 anos no Brasil.

Além de um grande cientista, músico, artista, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti era, sobretudo, um apaixonado pelo humano, um apaixonado pela psique, um humanista capaz de direcionar os estudos acerca de intencionalidade psíquica e da existência. Antonio Meneghetti, alicerçado pelos conhecimentos já precitados formalizou a Ontopsicologia como a ciência que busca reportar o homem àquela lógica da vida, lógica vencedora, onde seguir o seu projeto de vida pode consentir realização.

3.2 Porque apropriação, reapropriação e convalidação

É importante estabelecer a diferença entre apropriação e reapropriação em sentido de compreensão, sendo que apropriação podemos esclarecer como adaptação de um termo já existente, diferenciando-se, portanto, reapropriação que substitui o sentido de um termo existente.

Podemos encontrar em diversos livros da obra de Antonio Meneghetti conceitos advindos da Psicologia, Psicanálise que passam por uma ressignificação, uma reapropriação dentro da Ciência Ontopsicológica.

Essa reapropriação busca utilizar-se de conceitos já estudados para dar um novo significado a eles, estabelecendo a diferença entre significado e conseqüentemente entre as ciências de qual se originaram.

Ainda trabalharemos com conceitos convalidados, entendendo como mesmo sendo usados a partir de uma significação idêntica, para podermos formalizar conhecimentos distintos.

3.3 Uso de conceitos abordados na Ontopsicologia

“A Ontopsicologia é o conhecimento natural e específico do homem no seu contexto natural, a repriminção da natureza originária do ser humano” (MENEGHETTI, 2015a, p. 119-120).

Iniciaremos assim, a análise de conceitos anteriormente citados pela Psicanálise, Psicologia Analítica e Psicologia Individual e suas aplicações na Ontopsicologia.

3.3.1 Conceituação para análises

Iniciando nossa conceituação, temos quatro importantes conceitos a serem estudados, considerando Sigmund Freud, originalmente na psicanálise como já descritos e agora na Ontopsicologia que são: Id/Isso, Ego/Eu, Superego/Supereu e Projeção.

Para que possamos realizar esse estudo será imprescindível abordarmos juntamente o estudo sobre o Inconsciente, definindo brevemente também o Em Si ôntico, Campo Semântico e Monitor de Deflexão.

Para Antonio Meneghetti (2017), o inconsciente seria um momento-evento onde através deste se especificaria a nossa individuação, a partir do contínuo ambiental ou mesmo universal.

Para a análise sobre o termo Inconsciente utilizado na Ontopsicologia nós usaremos do Dicionário de Ontopsicologia, onde iniciamos com a etimologia da palavra sendo: *Lat; Inconscius* = insciente, não saber. Dando sequência temos:

Zona psicorgânica não verificável e mensurável pela zona ou momento lógico refletente, ou Eu consciente. Quântico existencial ativo não verificável pelo conhecimento responsável ou voluntário, seja no aspecto psíquico, seja no somático. É constituído inteiramente pelo quântico existente e ativo do sujeito, psíquico e somático, excluído da consciência e responsabilidade do Eu. O inconsciente é o quântico de vida e de inteligência por meio do qual nós existimos, mas não conhecemos, isto é, do qual não temos qualquer reflexão consciente; é uma parte da vida e da inteligência do homem; uma parte divina, contemporaneamente espiritual e animal, anjo e monstro. O inconsciente é intuição, percepção extrassensorial, espiritualidade, lógica intelectiva; é o quântico de vida psíquico e somático que o indivíduo é, mas do qual não é consciente e que age, de qualquer modo, para além da lógica da consciência. A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem (MENEGETTI, 2012a, p. 135-136).

Precisamos entender o inconsciente não como uma tenebrosidade, ou até mesmo diabólico, mas, é uma ordem perfeita de vida, são aquelas informações provenientes do ambiente e assim, é também uma projeção estabelecida na história que nos faz ver apenas uma parte de nós, mas que, não foi determinado pela natureza (MENEGETTI, 2017). Partindo da premissa que, o inconsciente seria o não sabido ao homem, seria assim possível colher sua lógica de operatividade?

A Ontopsicologia - em práxis clínica, em práxis de autenticação, em práxis empresarial - é uma ciência que está em condições de colher o critério-base do inconsciente, do qual se apreendem os módulos de realização do sujeito. O Em Si ôntico, na sua genialidade, tem sempre o design do sucesso e da autoconstrução vencedora para o sujeito. Deve-se, portanto, indagá-lo e provocá-lo na totalidade das suas referências existenciais. Dada a realidade de ignorância do homem acerca de si

mesmo – a qual é paga com dor, neurose e doença – para alcançar o critério de realidade, é necessária uma psicoterapia de autenticação, análise que consente ao sujeito verificar se ele se conhece por quanto é. Por esse motivo, a Ontopsicologia, entre os seus instrumentos de intervenção, tem também a psicoterapia que consente ao sujeito recuperar, em total consciência, o quântico de inteligência que é (MENEGETTI, 2012a, p. 136).

Ainda, segundo Antonio Meneghetti (2017), à medida que se acessa o inconsciente, o indivíduo tem acesso ao critério absoluto de verdade e, assim, pode ter a experiência da autorrealização. Para que tenha acesso ao inconsciente, ou seja, para que se possa vê-lo é indispensável a metanoia¹⁶ contínua, pois, ele se revela de todos os modos que a existência nos toca e fundamental nesse processo é a consultoria de autenticação.

É importante o confronto com o que pode parecer o caos, o inconsciente, porque este é o nosso real, mas para que ele seja consciente é necessária a nossa ordem decisional (MENEGETTI, 2017).

Meneghetti salienta que é possível recuperar o inconsciente e este se dá através “da proprioceptividade, iniciando a recuperar o tônus visceral, os impulsos do útero e do estômago, as variações dos genitais, as alterações epidérmicas. Não se trata de excluir a razão, mas se trata de acrescentar à razão intacta o critério víscero-emotivo” (MENEGETTI, 2017, p. 408).

Foi importante na trajetória do estudo do inconsciente para Antonio Meneghetti partir do princípio, ou seja, daquele ponto fundante do homem e ele destaca que “se verdadeiramente conhecia o humano, devia demonstrá-lo ao saber curar qualquer desvio seu. A cura era possível, em todos os casos, somente se conhecesse o critério portante da natureza: deveria identificá-lo, isolá-lo e utilizá-lo” (MENEGETTI, 2010, p. 121).

Assim então nomeia esse critério como Em Si ôntico, como descrito:

Iniciando a cura do ser humano e procurando um princípio curativo - o critério que pudesse dar a direção da vida – descobro que no background do inconsciente não existia a vida e a morte, porque estas são consequentes, mas existia um princípio, um critério vivente e transcendente. “Transcendente” no sentido que estava naquele sujeito, mas contemporaneamente não estava. Esse princípio é o Em Si ôntico. Não temos a obrigação de sermos exatos para uma ciência universal, mas podemos tomar a exatidão para ajustar o metro do nosso dia. Isso, para o homem aqui e agora, é tudo. O interesse é equilibrar o próprio *ubi consistam* ecossistemicamente e não resolver a vida em si. A inteligência que se tem é autônoma em resolver e reordenar ao quanto se existe (MENEGETTI, 2010, p. 121).

¹⁶ Variação radical do comportamento para identifica-lo à intencionalidade do Em Si. Mudança do piloto Eu: substituir o Eu formado pela doxa por aquele Eu sublimado pela intencionalidade do Em Si ôntico. (MENEGETTI, 2012, p. 172).

Ainda, Antonio Meneghetti colocou que seria possível a identificação do Em Si ôntico, por meio de 15 (quinze) características definidas por ele: 1) Inseico, 2) holístico-dinâmico, 3) utilitarista-funcional, 4) virtual, 5) econômico hierárquico, 6) vencedor, 7) alegre, 8) criativo, 9) espiritual ou transcendente, 10) agente no interior de um universo semântico, 11) mediânico entre o ser e a existência histórica, 12) histórico, 13) estético, 14) volitivo-intencional e 15) santo.

- 1) Inseico: é uno, indiviso e sempre idêntico, como quer que se adapte ou opere.
- 2) Holístico-dinâmico: age todo junto com expansão centrípeta e é sem partes.
- 3) Utilitarista-funcional: o seu critério ou ética é a evolução da própria identidade com preciso utilitarismo funcional.
- 4) Virtual: toda sua atividade ou crescimento é sempre inerente a um projeto formal que se explicita em polivalentes efeitos dependentes de uma idêntica forma, a qual, antes de se efetuar, permanece somente possível. Um projeto que tem a capacidade formal, caso se atue. A sua essência-base é a constante H.
- 5) Econômico-hierárquico: intenciona com exata proporção qualquer impacto e interação, assimilando o devir segundo a prioridade das próprias exigências (a vida, a identidade, a subsistência, os meios mais gerais, depois os específicos etc.).
- 6) Vencedor: não impacta um novo real ou gestalt se já não lhe é próprio.
- 7) Alegre: age por exercício de inteligência e se move caso seja garantido por uma novidade agradável de erotismo e contemplação.
- 8) Criativo: completada uma gestalt é sempre motivado a uma sucessiva, proporcionada, mas superior à precedente. Por isso, age contínua autóctise.
- 9) Espiritual ou transcendente: evade das categorias de tempo e espaço.
- 10) Agente no interior de um universo semântico: é coparticipe da ordem da natureza cósmica. Age a própria virtualidade individual no iso de natureza.
- 11) Mediânico entre o ser e a existência histórica¹⁷
- 12) Histórico: estrutura psicossomaticamente a própria virtualidade no devir existencial. Nisso revela capacidade de instrumentalizar as categorias do tempo e do espaço e, portanto, todos os aspectos químico-físicos da energia.
- 13) Estético: a técnica específica de cada ação sua é para o prazer e perfeição. O prazer é atração constante. No devir histórico, as suas partes correlacionam-se para revelar uma proporção, além de funcional, sobretudo metafísica. Em cada passagem apela ao seu princípio natural: o Ser.
- 14) Volitivo-intencional: a sua unidade de ação é tensão à própria realização histórica.
- 15) Santo: é sempre com e em direção ao Ser. É volição de identidade no mais ser (MENEGETTI, 2010, p. 160-161).

Com o estudo foi possível identificar que o mesmo critério que regulava a saúde do homem era aquele mesmo que organizava a natureza, as plantas, os animais, sendo assim um critério universal, porém, separado em constantes, como a do homem que seria a Constante H. Ele assim, se diversificava de modos mas, era sempre o mesmo.

Com o estudo deste critério ôntico abriram-se novos estudos em conjunto, do campo semântico e monitor de deflexão.

O autor define o Monitor de Deflexão como:

¹⁷ Mediânico: que está no meio. É ponto de reflexão contemporânea do Ser e existência. Consciência de Eu a priori.

Eu via esse outro princípio que falava, ditava leis. O Em Si ôntico não dá leis, não possui meios-termos, diz simplesmente: “E, não é; é para mim, não é para mim”. Ao contrário, esse outro princípio falava, dizia que algumas coisas se podiam fazer e outras não, por uma série de razões etc., e possuía uma linguística e uma jurisprudência próprias. Possuía uma categoria própria (e decálogos próprios) que, em um primeiro momento, me parecia um arquétipo das morais, portanto positiva, porém não tinha os frutos do primeiro critério (MENEGHETTI, 2010, p. 123).

Foi então descoberto que, o monitor de deflexão não tinha nenhuma relação com aquele princípio simples da vida, mas, que era algo alheio. Através de ditados do mesmo não seria possível colher resultados positivos como por exemplo, através de Em Si ôntico.

Foi assim que, através do Campo Semântico foi possível essa identificação. O Campo Semântico foi a primeira das três descobertas, sendo:

Os homens também são coligados, respiram continuamente, e continuamente estão dentro e fora, em osmose. O campo semântico é uma das linhas de comunicação à distância, preferencial sobre outros sujeitos similares, e isso não deve parecer um fato estranho ou espantoso. Existe uma transrecepção, uma comunicação entre similares. Tal “similar”, porém, é baseado em como o homem começou a construir a primeira estrutura, a primeira matriz. *É a tipologia da primeira matriz reflexa - ou seja, o modo da primeira díade - que dá o caráter preferencial do comportamento do sujeito, e não o Em Si ôntico por si* (MENEGHETTI, 2010, p. 125, grifos do autor).

Sobre o campo semântico é importante destacarmos que pode transportar Em Si ôntico mas, também o Monitor de Deflexão e se difere por resultados. Ele é considerado “negativo” quando diminui o homem e sua obra, o seu potencial e também a sua inteligência (MENEGHETTI, 2010), ou seja, tem fim heterogêneo ao organismo do receptor.

O campo semântico possui três modos, sendo eles: campo semântico biológico, campo semântico psicológico e campo semântico intelectual. Trazendo um breve descritivo sobre temas como campo semântico biológico, ou emocional, “a forma de conhecimento elementar e refere-se a todo o arco reflexo, compreendidos os aspectos da sexualidade e da agressividade. É uma informação de tipo biológico-emotiva” (MENEGHETTI, 2010, p. 188).

O segundo modo, que é o campo semântico psicológico, ou informativo, “interfere exclusivamente sobre as intencionalidades típicas da nossa mente, entendida como starter energético ou pulsional, ou melhor, voluntarista. Trata-se de deslocamentos de um campo-rede sobre o qual viajam diversas informações psíquicas” (MENEGHETTI, 2010, p. 188).

Trazendo o último modo de campo semântico, o intelectual, devemos destacar que é “uma capacidade de conhecimento que se atua a qualquer distância: entra-se na contemporaneidade da energia pura. Poderíamos dizer que a energia psíquica é imóvel, um

“motor imóvel” (MENEGETTI, 2010, p. 188).

O campo semântico pode ser direto, em terceiro, em efeito trigger ou em efeito-rede.

Deste modo, o autor explica que, através da psicoterapia ontopsicológica seria possível colher a lógica vencedora do sujeito, ou seja, seu Em Si ôntico e deste modo compreender as dinâmicas inconscientes para que o mesmo, possa assim, recuperar totalmente o quântico de inteligência que é e vive, ou seja realizar a autenticação.

Ainda, a autenticação “significa recolocar o espelho da consciência em sincronismo com o indicador do próprio Em Si ôntico. Para o Em Si ôntico, tudo o que é registrado como iso, como igual, é vital, é nutritivo; enquanto tudo o que não é igual, é negativo” (MENEGETTI, 2010, p. 125).

Meneghetti (2010), ao abordar como nasceu a Ontopsicologia apresenta uma análise da falência das ciências no que tange os aspectos religioso, histórico, social afetivo e de relação. Agrega nas suas considerações a análise do inconsciente:

Freud caracteriza e dá um nome a essa pesquisa, que na realidade já existia. Ele a reuniu e sistematizou, mas a realidade do inconsciente já tinha sido afrontada 50, 60 anos antes. Há aproximadamente um século e meio, abre-se a análise científica do super-racional. Esse estudo evidencia um outro mundo no homem que antecipa aquele consciente e racional, condicionando e alterando o comportamento humano. [...] Tal análise potente, na prática, procura unir-se a outras pesquisas que não alcançaram o próprio escopo, por isso a análise freudiana não é contra a religião nem contra a ideologia, mas explica que existe outra realidade que antecipa todas as outras lógicas de conformação e comportamento que os indivíduos e a sociedade têm entre si. Chega-se a essa análise depois da descoberta desta grande força - o inconsciente - que, porém, não se entende quais ordens segue (MENEGETTI, 2010, p. 119-120).

Deste modo, Antonio Meneghetti nos apresenta a contraposição entre a vida e morte, citada anteriormente por Freud:

Descobre-se que é uma contraposição entre a vida e a morte - portanto, entre a força criativa e a destrutiva - e entra-se naquele simples da filosofia oriental do branco e preto, das duas gotas que, rodeando, se alternam, por isso nada é perfeitamente branco e nada é absolutamente preto: o preto já tem em alguma parte o branco, e o branco já tem em alguma parte o preto, e andam sempre juntos. O problema desse dualismo é que não dá soluções na ótica de uma superioridade de análise intelectual, porque uma dualidade contraposta é igual a zero; $+1 -1 = 0$, em sentido matemático. O sentido matemático dessa teoria também é conivente e consolidado por uma análise de consideração filosófica, pois se um anula o outro, ou se um é copartícipe do outro, o resultado é que nenhum existe. A possibilidade de existência - mesmo a do mar - é justificada somente se no princípio existe um real, um produtor, um criador, um semovente intacto, total, completo, simples, que depois pode ter as próprias variáveis e as próprias aparentes contraposições. A dualidade terminal não consente, nem em âmbito matemático, nem em âmbito de adequada filosofia, uma racionalidade pacífica: permanece a contradição. Obviamente aqueles que conduziram tal pesquisa não podiam ir além. Isso depende do fato de que, na linha

da simplicidade filosófica falta o dado experimental e, contemporaneamente, à ciência falta o dado de uma unidade racional que autoriza o discurso no seu desenvolvimento. Portanto, à ciência falta a unidade de conformidade que justifica o discurso e, a alguém que tenha encontrado a unidade filosófica, falta a unidade experimental, científica, o processo que autoriza o modo através do qual o princípio ideológico tem encarnação, tem realidade aqui e agora onde o homem existe (MENEGETTI, 2010, p. 120).

Agora, fundamentado o inconsciente para Antonio Meneghetti iniciaremos o estudo sobre o conceito Id/Isso.

3.3.2 Id/Isso

O termo Id/Isso, conforme localizamos, é usado por Antonio Meneghetti para definir o Em Si. Em um trecho explicativo, no livro o Monitor de Deflexão, quando trata sobre o processo psicoterápico ele descreve que, nenhum paciente diz a verdade, e mesmo quando ele parece colaborar se trata de fingimento ou mecanismo de defesa que, conseqüentemente obstrui a verdade do Em Si (ou Id).

No Dicionário de Ontopsicologia, Antonio Meneghetti afirma que “o Em Si constitui o critério-base de identidade do indivíduo, seja como pessoa, seja como relação. É o núcleo com projeto específico, que identifica e distingue o homem como pessoa e como raça, em âmbito biológico, psicológico e intelectual” (MENEGETTI, 2012a, p. 84).

Aprofundando mais nosso estudo sobre este conceito, podemos localizar no Manual de Ontopsicologia uma passagem que coloca o Em Si como “uma causalidade poderosa que sustenta tudo, mas bastante indiferente, no sentido que é uma energia aberta” (MENEGETTI, 2010, p. 207).

Segundo Meneghetti (2010), o Em Si é o gerador contínuo, aquela pulsão, a ecceidade do ser na existência que se atua historicamente e se formaliza através do Eu a priori, que é a reflexão última entre Em Si ôntico e a história. Mesmo sendo evento único se dá em três momentos dialéticos: Em Si - Eu a priori – Eu lógico-histórico. Ainda por Meneghetti, é o Em Si que dá a discriminante de ser ou não-ser, enquanto que o Eu a priori dá o otimal e o Eu lógico-histórico dá assim o fato existencial.

Nessa etapa, devemos destacar que existe o Monitor de Deflexão e que esse “entra em movimento automático tão logo o Em Si gere e tipifique-se em Eu. A sua ação anula a reflexão do Eu a priori. (...) A essência do inconsciente corresponde ao Em Si do homem” (MENEGETTI, 2010, p. 211).

Pode-se ainda afirmar, segundo Meneghetti (2010) que, o primeiro real do indivíduo, em, qualquer sentido é o Em Si e este pode ser especificado em diversos modos: ôntico, do homem, organísmico, naturístico, dependendo das relações do mesmo que queremos entender.

Temos então, as seguintes diferenciações de Em Si:

- a) Em Si ôntico: entende-se um modo genérico, universal, o Em Si de qualquer forma existencial (planta, anjo, animal etc.). O atributo ôntico especifica o seu pertencimento ao ser.
- b) O Em Si do homem: define um Em Si ôntico segundo a modalidade homem, ou seja, a constante H. A constante H é a forma que especifica e define a individuação homem; é um modelo ou princípio que dá a constante existencial distintiva do humano.
- c) Em Si organísmico: compreende o aspecto biológico e psicológico, é a experiência psicomotiva que advertimos também como consciência na fenomenologia da nossa vitalidade.
- d) Em Si naturístico: é o total do Em Si organísmico no holístico ambiental. É o feixe dos instintos positivos, desejos totais e inocentes, finalizados exclusivamente em uma forma de narcisismo e prazer no fato de existir (MENEGETTI, 2010, p. 211-212).

Deste modo, podemos definir que, para Antonio Meneghetti mesmo tratando-se de um só projeto de natureza, o Em Si pode ter variações para que melhor possamos caracterizá-lo.

3.3.3 Ego/Eu

“Estrutura lógica ou agente do indivíduo, tal que, uma vez posta essa relação, é o ponto de partida e de referência para tudo. (...) A parte psíquica exposta capaz de reflexão voluntarismo livre para agir ou não agir” (MENEGETTI, 2012a, p. 103). O Eu pode caracterizar-se como:

- a) Eu a priori: a forma virtual do Eu antes do acontecimento histórico, portanto, é a configuração da solução ótima do indivíduo em ambiente, aqui e agora. É a reflexão da ação do Em Si organísmico em situação histórica e define a ética ótima da ação.
- b) Eu lógico-histórico: o Eu que, de fato, escolhe e define seja em positivo, seja em negativo.
- c) Eu fictício: Eu não autêntico, não operador de realidade segundo a pulsão do Em Si, portanto, estruturado segundo o complexo, ou a projeção dos outros.
- d) Eu Sou: a consciência ôntica (MENEGETTI, 2012a, p. 103-104).

É importante que não entendamos o Eu como a forma consciente pois, na zona consciente do Eu existem também os mecanismos de defesa, as zonas do pré-consciente, do subconsciente; assim, o Eu trata-se de um sistema que o momento mais aparente denomina-se consciência, que exprime o passado do Eu (MENEGETTI, 2015b).

Antonio Meneghetti apresenta que o Eu é determinado por três instâncias, três precipitações sendo:

- a) o tecido orgânico;
- b) o imediatismo de interação corpo-ambiente;
- c) a incidência diretiva organizada do social.

a) Individua-se um objeto que se faz veículo e estrutura do real segundo uma lei própria, um modo próprio, uma base própria. No momento em que a vida faz-se distinta é individuada, contrapõe-se às outras individuações: deve contrapor-se para defender a própria individualidade, a própria distinção. A partir do momento em que é distinta, não colhe o ambiente de qualquer maneira que este seja, mas somente se é de certo modo, somente se é correspondente, coincidente a uma exigência: seleciona de modo temático. O organismo relaciona-se ao ambiente conforme o seu tema, conforme a própria lei, conforme aquilo que o distingue do ambiente. Nesse ponto, já existe certa distinção de qualquer modo, mas o Eu ainda não está em ato; num certo sentido, estamos em uma zona do id em direção ao Eu, do id freudiano e em sentido de totalidade.

b) O organismo coloca-se em relação ao ambiente, por sua vez, o ambiente é interagente e, no momento em que interage, diferencia o organismo. Um homem que vive nos países quentes constrói um tipo de civilização; outro, que vive nos países frios, constrói outro tipo de civilização. A criança que ouve sempre vozes calmas, serenas, inevitavelmente terá um sentido expansivo; se, ao contrário, cresce em meio a vozes sérias, roucas, desafiadoras, sempre em emboscada, inevitavelmente crescerá nervosa etc. Os animais domésticos também se formam segundo o campo semântico dos donos ou criadores. É o indivíduo que determina a própria consciência ou é. c) O organismo nasce em um complexo altamente especializado e organizado. Se eu coloco um elemento altamente organizado e um elemento neutro, inevitavelmente prevalecerá o elemento organizado e especializado, porque aquilo que é especializado está em melhores condições de uniformizar a si, de adaptar a si, aquilo que ainda é neutro. Quando nós colocamos em relação uma criança e um ancião, o ancião tem um sistema já altamente organizado em relação à criança que tem poucos anos de vida (MENEGETTI, 2015b, p. 58).

Assim, Meneghetti destaca que o Eu é o princípio de realidade de toda autoconservação do organismo. A sua função é a defesa em função da distinção real na qual é posto. Ao cumprir esse papel, o Eu desenvolve-se cada vez mais, pode realizar cada vez mais plenamente, em expansão. O Eu então é a estrutura que tem a capacidade de mediar a realidade externa ao organismo humano.

3.3.4 Superego/Supereu

“O superego é a realidade sempre em antecipação, com tudo o que é a esfera consciente do Eu; é uma coação que já operou quando torna-se na consciência. É uma regulamentação, é uma estruturação, é uma informação daquela energia primária que gratuitamente é exposta pelo id orgânico do indivíduo” (MENEGETTI, 2015b, p. 49).

Sobre o estudo do Superego, Meneghetti explica que, no princípio, pode ser um conjunto funcional, mas absolutizando-se pode tornar-se algo negativo e que sua raiz última seria o monitor de deflexão.

Ainda, ele seria:

A estrutura mais compacta e complexa sobre a qual seriam regidas todas as concepções ideológicas, jurídicas e patológicas do social. Assim, sobre o preestabelecido do id orgânico, a incidência social faz a própria imissão informativa e, através da repetitividade, influência até o ponto que o organismo humano para poder sobreviver deve assimilá-la (MENEGETTI, 2015b, p. 49).

Dadas estas premissas, é importante destacarmos os dois modos de que a incidência social pode alcançar a intimidade, seja por comunicação semântica ou até mesmo através da mãe, manipulando o pequeno organismo enquanto o mesmo precisa de energia. O autor descreve esses processos:

Quando nós dizemos “introjeção” devemos entender uma assimilação a tal ponto que a incidência social torna-se matriz da aprendizagem para o organismo; o organismo deve recebê-la como lei da própria sobrevivência; caso não a aceite, caso não se assimile a essa incidência social, o organismo se sente em perigo de morte, morte física. A incidência social alcança a intimidade, a inseidade orgânica do homem por meio de duas vias: a) A comunicação semântica (e aqui se entende a realidade dos campos semânticos); esse organismo plasma-se num ambiente que é permanente útero psíquico; o homem é um fato, é um resultado de relações. Cada pensamento nosso, cada ato nosso é sempre o resultado de múltiplas relações, o precipitado, o condensado de múltiplos fatores de interação. Isso é possível porque o organismo humano está sempre em disponibilidade de adaptação. A adaptação é a lei da vida, cessada a adaptação é impossível a vida. O superego, como havíamos dito, forma-se por assimilação, com determinante psicofísica dos campos semânticos nos quais o organismo humano se encontra e concrece sempre como efeito dessa semântica antes mesmo que se inicie o chamado uso da razão. b) Segunda via: o pequeno organismo é continuamente manobrado nas suas funções de intercâmbio vital, isto é, o organismo, uma vez, que se deu, consegue viver enquanto tiver condições de recuperar, de recarregar-se de energia a partir do ambiente. A vida é um processo de interação entre múltiplos pontos sempre em relação entre eles. Eu posso fazer o homem mais perfeito do mundo, porém para que a vida exista nele, se faz necessária uma recarga energética, de alimento, de oxigênio etc., e esse organismo vive enquanto for capaz de metabolizar-se com o ambiente, enquanto se faz ponto de referência num metabolismo ativo. De fato, essa é uma necessidade que todos nós constatamos: dada essa premissa, a incisividade social, neste caso simbiotizada e concretizada na mãe, manipula o pequeno organismo em todas as suas funções quando este precisa de energia; é como se sofresse uma contínua alfândega dentro e fora de si, uma grelha constante, submetendo-se a uma contínua chantagem. Ou seja, a manipulação do metabolismo consente que a incidência social essencialize-se no interior do organismo humano, pelo fato de que o organismo humano, tem necessidade essencial de metabolizar-se com o ambiente, de outra forma morre (MENEGETTI, 2015b, p. 49-50).

Podemos definir o superego como um produto social que, consegue estruturar-se, suscitar-se na inseidade. É irrevogável que não ocorra, pois, o social é um fato vital e, o

homem não poderia sobreviver de outra forma pois, precisa ser gerado por um útero materno (MENEGHETTI, 2015b). O autor apresenta o porquê de poder ser também reativo:

Como quem age a incidência social são todos adultos, que possuem memória de frustração, portam em si algo que precisa ser reparado, é natural que esses adultos, sofreadores de múltiplas remoções, colonizem outros como corpo para sua compensação. É natural que um sedento, enquanto dá água, beba também ele; um esfomeado, enquanto dá comida, coma também ele; é inevitável que quem não tem amor, ao gerir amor, tome amor para si; é inevitável que ao gerir a vida para os outros, a tome sobretudo para si. É fácil compreender qual é a sensação que um adulto inseguro experimenta quando tem um menino ou menina que lhe seja coisa, extensão, um ser humano em relação ao qual por direito, por constatação, por aceitação, não se experimenta medo, estranheza; isto é, somente em relação a esta criança-filho sente-se um impacto livre como entre duas mãos, uma em relação à outra; com ela não existe o impacto de medo, o temor de ser ofendido, de ser repellido, ou seja, nela amplio o meu Eu; é preciso ter uma consciência insegura para compreender o benefício que certo tipo de mãe sente no contato colonial com o próprio filho: “ele não pode me dizer não, é incapaz de ambivalência, é somente sim” (MENEGHETTI, 2015b, p. 51) [sic].

O superego, deste modo, se gerido como colonização é de certo modo negativo, mas, é também através dele que o pequeno pode aprender em poucos anos o que sozinho levaria muito tempo e, não se sabe se realmente aprenderia sozinho. De per si é vital. É a partir dele que a criança conhece o mundo todo.

“O superego sempre age em latência do Eu. O tipo de responsabilidade, o confronto de diversos parâmetros, colocar as sensações em palavras, a necessidade de verbalizar-se para comunicar ao outro, a distinção entre sujeito e objeto” (MENEGHETTI, 2015b, p. 52). Sobre o entendimento de Freud, Antonio Meneghetti destaca:

O superego não é aquela simples introjeção da ética, da moral do pai e da mãe ou mesmo aquela simplicidade com que entendia Freud: ele estrutura a modalidade do instinto e condiciona cada função energética da vida no homem civil. O superego é energia derivada do ambiente social que entra em metabolismo com aquilo que é orgânico e, através de condicionamento repetitivo, determina em permanente reflexo condicionado todo o agir do indivíduo; isto é, por parte do organismo temos uma real recepção energética que se torna estrutura de vida no organismo em si (MENEGHETTI, 2015b, p. 52).

O superego assim seria “aquela zona formatada na infância em antecipação ao que se entende por “uso da razão”, a capacidade de discriminar o que é bem e o que é mal em relação à pulsão orgâsmica individual. A primeira coordenação entre o inconsciente individual e o ambiental, pela sociedade” (MENEGHETTI, 2015b, p. 52).

Os complexos nascem assim, segundo Meneghetti (2017), da interferência obsessiva desse corpo social. Essa interferência é capaz de colonizar assim, as principais zonas

perceptivas da interação de ambiente-indivíduo e assim pode, pré-formar ou deformar o sujeito que evolui em vantagem desse superego social.

Podemos dizer que, o superego forma através de sua permissividade do todo do homem.

Meneghetti salienta que, a divisão neurótica é a divisão do Eu do próprio organísmico e a discrepância ou o não suficiente apoio por parte do superego social ou *corpus* estatutário social: nesse caso, tem-se consciência em angústia exposta, mas incapacidade operativa (MENEGHETTI, 2017, p. 390).

Meneghetti ainda destaca sobre a casuística clínica neste sentido que:

As remoções, a energia impedida, a interferência do superego, todas as formações complexuais e de psicologia negativa, isto é, tudo o que é removido pela compreensão consciente é relegado como atividade autônoma na esfera das compreensões extero¹⁸ e proprioceptivas¹⁹. Entre a percepção egoceptiva²⁰ e o restante ocorre uma tela que assinala o confim entre o consciente e o inconsciente (MENEGHETTI, 2017, p. 400).

O superego, segundo a grelha deformante, já é deste modo por uma culpa do sujeito:

[...] por causa da própria pretensão infantil de gerir todo humano adulto ou, até mesmo, de poder acessar o poder dos modelos de máxima função através de uma fidelidade obstinada nos rudimentos morais, que foram indispensáveis para sobreviver na infância, cumpre-se uma culpa que é paga com a perda da meta. De fato, quase todos os homens experimentam na existência o amargor do caminho e o desespero (para alguns sobrevive em esperança ou projeção infantil) da meta ou ato orgástico da vida (MENEGHETTI, 2017, p. 409-410).

Meneghetti salienta que a ontoterapia se insere, através da permissividade do superego. Se por superego entende-se aquela esfera, aquela zona energética modulada pela frequência social, ou aquela zona de energia psíquica que é intencionada em referência de utilidade social, também a psicoterapia advém sob a permissão daquela zona.

Este processo se dá através de três estágios:

¹⁸ A percepção exteroceptiva, ou seja, aquela estimulação externa ou interna, no primeiro contato, ainda setorial, compreende as formas de “sensibilidade cutânea (tátil, térmica, dolorífica), orgânica (visão, audição, olfato, paladar) e visceral ou neurovegetativa (variações de funções vitais, viscerotônicas, neuromusculares referentes aos sistemas nervosos cerebrospinhais e neurovegetativos, e o sistema parassimpático preposto à reconstrução celular)” (MENEGHETTI, 2017, p. 395).

¹⁹ A percepção proprioceptiva, para Antonio Meneghetti, “é qualquer estimulação sensorial que se torna informática única para o organismo. As múltiplas aferências internas ou externas são unificadas em relação à estrutura-base da individuação e veiculadas a uma percepção unitária do organismo. Essa coenvolve todo o organismo” (MENEGHETTI, 2017, p. 395).

²⁰ A percepção egoceptiva ou, “percepção egoica ou o quanto selecionado pelos dois níveis precedentes e referido ao Eu consciente voluntário e operativo. O quanto, o como e o qual da informação total alcança o Eu e, consequentemente, o Eu é coenvolvido irrevogavelmente a uma responsabilidade” (MENEGHETTI, 2017, p. 397).

Primeiro estágio. Não obstante certo descrédito e sobretudo uma difusa atitude resistencial nos confrontos com os psicoterapeutas, ninguém disse que são estúpidos; além disso, fala-se deles nos filmes, na literatura, por parte dos grandes romancistas, dos diretores, dos grandes chefes de estado. Isto é, já num primeiro impacto por parte do paciente existe uma referência de valor e, portanto, deixando-se discutir pelo psicoterapeuta, ele é aprovado, gratificado por certa classe social. Ou seja, a psicoterapia é afrontada nos primeiros momentos do mesmo modo como tantas outras coisas são aceitas por consideração de um complexo social. Infelizmente, o próprio psicoterapeuta, inicialmente, não é selecionado, filtrado por uma exigência real egoica ou organísmica; infelizmente, é escolhido por concessão, por adesão à ordem social. Segundo estágio. Durante o training nós aceitamos o psicoterapeuta na medida em que ele sabe afirmar-se correspondência à intencionalidade. O paciente pensa: “Com ele terei mais sucesso na política, terei mais sucesso com os amigos, no sistema de ensino, posso tornar-me mais qualificado nas vantagens sociais”: se o psicoterapeuta sabe demonstrar e testemunhar coisas que a sociedade busca, indaga e é a sua demonstração prática isto é, se ele testemunha uma evidência de fins alcançados, de escopos atuados, mas que são também os fins que a sociedade visa, e preciso dele! “Consequentemente”, o modelo da psicoterapia, mesmo buscando indagar o verdadeiro Em Si, o verdadeiro id, define-se no âmbito do superego. Terceiro estágio. Quando alguém, no papel do paciente, começa a verificar-se em referência ao psicoterapeuta, ou seja, experimentam-se com o psicoterapeuta determinadas coisas como discutir, raciocinar, amar, exultar etc. Nessa fase também nós paramos o impacto, o contato com referências racionais que são, de qualquer modo, subcódigos do superego (MENEGHETTI, 2015b, p. 53-54).

É importante descrevermos que é possível a evasão do superego “quando o indivíduo aferra a neutralidade do seu modo de ser, quando colhe a indiferença dos modos, a indiferença das cifras. Quando se colhe a essência, o puro aferrar da essência do ser, naquele momento termina qualquer psicoterapia” (MENEGHETTI, 2015b, p. 54).

3.3.5 Projeção

A projeção “é ação em referência a, que, porém, modela-se a partir de quem projeta ou emana. Conhecer ou agir o outro à própria imagem semelhança. (...) Por como o sujeito é, assim vê. Em um certo sentido, cada um escolhe a realidade por como ele mesmo é, e não vice-versa” (MENEGHETTI, 2012a, p. 214).

Meneghetti diz que, a projeção tem uma função temática e seletiva, ou seja, cada um de nós, entre várias possibilidades colhe aquela preferencial, o nosso comportamento responsável projeta uma exigência em modo unidiretivo, negligenciando todo o resto. Assim temos a projeção:

Dado um ponto de observação, o sujeito faz a projeção. O real existe, mas o indivíduo o vê, exclusivamente, do lugar no qual ele existe. A realidade é indiferente ao modo em que o arquiteto faz a projeção; a coisa é indiferente a como o sujeito a

descreve. O problema individual não é para a vida ou para os outros, mas somente para o sujeito. Frequentemente, é um processo por meio do qual um sujeito vê nos outros aquilo que é seu, mas que ele rejeita ou não reconhece (MENEGHETTI, 2012a, p. 215).

A projeção, na Ontopsicologia, é considerada um mecanismo de defesa. Temos como principais mecanismos de defesa que o Eu recorre: supressão, compensação, racionalização, projeção, e abdicação.

Ainda, no Manual de Ontopsicologia encontramos a seguinte correlação de como o mecanismo de defesa projeção age e, estrutura:

Quando a projeção está em funcionamento, o nosso comportamento responsável projeta uma exigência em modo unidirecional, descuidando todo o restante: descarrega si mesmo objetivando-se no externo e sobre o outro, falsificando a concreta identidade de si mesmo. Procura e age sobre o outro, aquilo que lhe é próprio e exclusivo. Nas percepções sensoriais, a projeção revela-se como uma função temática (MENEGHETTI, 2010, p. 218).

É importante destacarmos que, para Meneghetti os modos de defesa são “em si, são neutros, servem para proteger a vida com uma provisória adaptação quando não é possível a ação metabólica segundo a forma apriorica, e são operados conscientemente.” (MENEGHETTI, 2010, p. 219).

Assim, podemos compreender que à medida que “tornam-se mecanismos, portanto, automatismos que fogem ao controle da consciência e, em seguida, tornados estáveis, são colocados a serviço do Eu fictício; são estereótipos dos complexos, ou seja, de toda a estrutura psicológica originada pelo monitor de deflexão” (MENEGHETTI, 2010, p. 219).

3.3.6 Arquétipo

Iniciando o percurso do estudo de arquétipo, para Antonio Meneghetti devemos destacar a passagem do dicionário de Ontopsicologia: “estrutura lógica que se põe ou faz-se princípio aos sucessivos e dependentes processos lógicos no universo das imagens” (MENEGHETTI, 2012a, p. 25).

O nosso estudo de arquétipos considerando a Ontopsicologia se deu pelo livro *Feminilidade como Sexo, Poder, Graça* de Antonio Meneghetti (2013).

“No âmbito da feminilidade existem algumas imagens clássicas recorrentes. Trata-se, em particular, de três tipologias de arquétipos ativos dentro da psicologia negativa feminina.

Não dizem respeito às mulheres comuns, mas mulheres com um certo tipo de inteligência” (MENEGETTI, 2013, p. 89).

“As três formas que frequentemente aparecem nos modos mentais, nas fixações, em alguns sonhos da psicologia feminina são: a mulher velada, a Lilith, a velha” (MENEGETTI, 2013, p. 89).

Dando início a análise, falaremos sobre a mulher velada:

A mulher velada é uma forma que aparece de improviso no estado de semivigília - como uma forma de sabedoria, uma mestra de vida, uma espécie de freira universal - a qual diz à mulher determinadas coisas cujo subcódigo constante é: "É inútil!". Diz algumas frases, como verdades absolutas, que são somente opiniões de psicologia negativa. A mulher - quando acorda - está convencida de que aquela situação, aquela relação, aquele fato é do modo em que viu na noite: é como ver uma espécie de ilusão ativa, falante. Essa forma arquetípica tem sempre um véu e é fortíssima nos olhos, fixa a pessoa e fala. A partir daquele momento, a mulher se convence de que as coisas são como as ouviu e age conseqüentemente na sua vida. A mulher velada deflagra quando se encontra o sábio; ela desvia a mulher da hipótese de uma relação muito importante. Aparece, manifesta, a mensagem: “Não confia, nada disso é verdade, lembre do que sua mãe sempre ensinou!”. Repropõe a interdição do primeiro estereótipo (MENEGETTI, 2013, p. 89-90).

Na sequência o autor nos coloca sobre a Lilith, sendo:

Lilith é a lemanjá da cultura brasileira, a anti-Eva, a mulher sempre ao ataque, feminista ou antimachista sob todos os pontos de vista. Essa forma introduz na mulher a constante da agressividade, como se lhe dissesse: “Se você matar o homem, o mundo será melhor e você estará bem!”. Em vez de dizer: “Mude, melhore, aperfeiçoe a si mesma!”, Lilith parte sempre para o ataque contra o homem, seja como for. A Lilith aparece quando a mulher está em forma, possui um pleno de energia: faz com que aja com raiva, com agressividade, com pressa, em vez de com graça e inteligência. É uma tipologia psicológica da qual se fala nas lendas de todos os povos. Há quem a chame "lua negra", quem a chame “lemanjá” quem a chame “Lilith”, ou “anti-Eva”. É uma tipologia de mulher com absolutismo de si mesma, que afirma a si mesma, como quer que seja, em primeiro lugar. Lilith é um mito antigo, sempre se falou dela. O fato que se chame anti-Eva sugere a antiguidade deste estereótipo que faz arquetipo na estrutura psicológica da mulher, porque representa a lógica do antagonismo a qualquer custo contra o homem: fazer antagonismo pelo antagonismo (MENEGETTI, 2013, p. 90).

O autor ainda nos coloca em relação a tipologia da Lilith que, “é uma forma de eterna rebelião contra todo o mundo masculino enquanto tal. Aparece nos sonhos sob a forma de freira, de mulher velada, com os cabelos ruivos, forte, irremovível. Representa a desforra, a vingança da feminilidade contra o contexto masculino” (MENEGETTI, 2013, p. 91).

Para a finalização temos o terceiro arquetipo, o da velha.

É uma figura recorrente em certos filmes de terror, nos quais, em certo momento, a mulher se transforma em um cadáver ou em forma de velha. [...] Nessa forma

arquetípica, não é determinante a idade da mulher: é um princípio psicológico ativo, interno, de extrema psicologia negativa. A velha faz a jovem mulher viver em um estado psicológico tal, capaz de atuar precocemente morte e destruição. É a pior forma de todos os símbolos que têm a sua origem na história do mundo (MENEGETTI, 2013, p. 93).

“A velha pega a mulher e a movimenta nos jogos habituais com o final da armadilha para quem se aproxima dela, mas quando é atacada diretamente, é como se a criatura humana se acordasse de um sonho, enquanto a velha se retira” (MENEGETTI, 2013, p. 94).

Assim se dá sua dinâmica: instrumentaliza a mulher para que esta seja criança inocente, indefesa ao entrar no jogo da vida que lhe é terrível. Destacamos sua dinâmica:

Primeiro, provoca a mulher a entrar como objeto infantil na relação de casal (qualquer tipo de casal no sentido homem-mulher, sobretudo facilita o incesto), depois diz: “Vê o que você fez?” Instiga de modo irresponsável para depois condenar com culpa. A velha tem conexões com algum planeta morto, talvez a Lua: o mandante morreu há milhares de anos, mas a mensagem continua viva para as viventes, por isso toda mulher acredita que a antiga mãe ainda esteja viva em alguma parte da sua mente. Esse terceiro tipo de psicologia parece fantasia, porém de fato é uma imagem que condiciona o interior da psicologia feminina. No momento em que é instrumentalizada pela velha, a mulher tem certos tipos de pensamentos (de violência, de expectativa que o outro erre, de desforra etc.) iguais em todas, apesar de que cada uma acredite ser a única a tê-los e com motivos válidos. Toda mulher se consome, então, nessa ciranda de pensamentos raivosos que coenvolve-perturba e nunca faz a luta por si mesma, inconsciente do fato que pode se dissociar disso (MENEGETTI, 2013, p. 94).

Sobre a origem deste arquétipo, Meneghetti expõe duas hipóteses: 1) Perturbação quase racial entre o machismo e o feminismo e, 2) a existência atual de civilizações desaparecidas.

“Primeiro se desencadeia a mulher velada, depois a Lilith; (...) O primeiro estereótipo é a consequência de ter arruinado uma graça, quando a vida deu à mulher a possibilidade de fazer relação com progressiva autótise e, em vez disso, ela fez um extermínio” (MENEGETTI, 2013, p. 96).

Deste modo, Meneghetti diz que os arquétipos agem “quando a mulher está em posição vencedora, de graça. A mulher que não vive bem a sua graça, através dessas imagens encontra novamente um histerismo cerebral, no qual se ouve uma gargalhada e um barulho dentro da cabeça (...) arruinou o seu erotismo branco” (MENEGETTI, 2013, p. 96-97). “A única possibilidade de salvação é dada pela recuperação, por parte do humano, do modo como o Ser o pôs” (MENEGETTI, 2013, p. 98).

3.3.7 Complexo

Para que possamos dar início ao estudo de complexos será importante o estudo de monitor de deflexão e de sua inserção para que assim possamos conceituar melhor o que é um complexo.

“O monitor de deflexão (ou grelha de deformação) é um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem” (MENEGHETTI, 2010, p. 172). É um dispositivo psicodélico sobre o aspecto que age na imagem, sob a imagem, distorce-a.

Como explica Meneghetti, no Manual de Ontopsicologia, o monitor de deflexão em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa prefixado. Em vez de projetar especularmente (refletir), desvia segundo uma temática imposta no receptor (deflete).

Definindo etimologicamente monitor de deflexão temos: “‘Monitor’ é uma palavra que deriva do latim *moneo* que quer dizer ‘que sugere, que corrige, que censura, que notifica’. ‘Deflexão’ deriva do latim *deflecto*, que significa ‘desviar, mudar estrada, dirigir-se para outro lugar’” (MENEGHETTI, 2010, p. 172).

A sua origem, pode ser atribuída à transmissão de uma civilização extraterrestre no interior dos processos cerebrais humanos, através de reflexão especular.

O monitor de deflexão, por ser um “mecanismo” não é algo que nasce com o sujeito, mas, algo inserido. A sua inserção pode ser dar de dois modos:

- 1) Diretamente sobre o sujeito, através de estados oníricos, situações de transe, na ocasião de utilização de psicofármacos, alucinógenos ou drogas, visões hipnóticas, oblações místicas, estados rituais com forte perda de orientação racional. No momento da inserção o sujeito sofre um indeterminado fora de si;
- 2) Indiretamente, o monitor se insere por transdução de campo semântico nas primeiras e fundamentais relações afetivas: pais, professor, parceiro etc. Esses atores-monitor fazem transfert do mecanismo em um sujeito afetivamente dependente, não por vontade consciente, mas por simples transfert compensativo – mas ocupacional - do outro (MENEGHETTI, 2010, p. 173).

“Para agir, o monitor de deflexão opera através de pontos fixos, leis que regulam o comportamento ético; então age sobre os vetores informativos dos estereótipos culturais e sociais, fruindo de energia humana. Externamente, identifica-se com o superego” (MENEGHETTI, 2010, p. 173).

Precisamos entender também, nesta etapa como ocorre a inserção do monitor de deflexão que, normalmente dá-se através de uma cena casual, denominada cena primária,

enquanto ainda somos crianças, normalmente ocorre na fase do nascimento até os seis anos de idade.

Antonio Meneghetti coloca que “a situação em que se dá o primeiro sincronizar-se do monitor de deflexão à atividade cognitiva humana, constitui a ocasião (casual e não causal) sobre a qual se apoia e se forma a matriz reflexa, que é o traçado mnêmico dessa situação-ocasião” (MENEGHETTI, 2010, p. 213).

Entende-se como matriz reflexa:

“Matriz” enquanto se faz imprinting e programa de todas as experiências sucessivas e da estrutura egóico-comportamental; "reflexa" porque age de modo especular, ou seja, por indução de imagens. A matriz reflexa é a imagem individual primária através da qual se insere e se fixa o mecanismo do monitor de deflexão (MENEGHETTI, 2010, p. 213).

Podemos assim estabelecer o processo de formação da matriz reflexa:

A matriz reflexa se forma através da afetividade ótica, um contato ocular de ódio chantageador entre o adulto-mãe e a criança em uma situação qualquer, com o reforço do campo semântico e da condenação do superego por parte do ambiente adulto. O pequeno, para ter a gratificação do adulto, é falso em relação à própria verdade; primeira falsidade de uma longa cadeia sobre a qual o complexo se articulará (MENEGHETTI, 2010, p. 213).

Assim tendo estabelecido o processo de formação da matriz reflexa, inserção do monitor de deflexão passamos para o complexo. “O complexo é o precipitado psicoemotivo do monitor de deflexão: a imagem matriz, uma vez metabolizada cerebralmente, é investida emocionalmente pelo organismo” (MENEGHETTI, 2010, p. 214).

Podemos dizer que o complexo “trata-se de atividade psíquica que deve ser individuada e especificada na obra mestra do Eu. Trata-se simplesmente de formalizá-lo, ou de egoicizá-lo, isto é, de assumir-se este quântico e de normalizá-lo segundo exigências de uma história individuada eficiente” (MENEGHETTI, 2012a, p. 51).

“O complexo é capaz de formalizar e enrijecer inclusive o Eu, portanto, torna-se o dominante mudo, a mente da mente. O indivíduo que é objeto dele, absolutiza inclusive a si mesmo, para que não se toque o complexo dominante” (MENEGHETTI, 2011, p. 70).

O complexo dominante, segundo Antonio Meneghetti seria “aquele que tende, com maior frequência, à coação a repetir, não consentindo o que lhe é contrário; consente desvios esporádicos e outras formas complexuais apenas quando são reforço ao complexo dominante, ou predisposição ambiental ao dominante” (MENEGHETTI, 2012a, p. 54).

Essa necessidade, da qual o indivíduo não conhece o motivo, impede que ele tenha clareza de si e assim, não o vê, não o controla, não consegue analisá-lo de modo positivo, sendo impossível ab-reagí-lo.

Então, “quando um sujeito sofre, ainda que nesse sofrimento esteja só e não se dê conta, a partir do seu problema - e segundo a potência que tem - engravida de patologia também os outros que estão predispostos àquela seleção temática em sentido complexual” (MENEGHETTI, 2011, p. 70), porém, segundo Meneghetti, é importante destacar que, atraindo somente aqueles que, desde a infância, são pré-constituídos àquela seleção temática do complexo presentes naquele sujeito portador.

Podemos afirmar também sobre o complexo:

O complexo polariza toda a direcionalidade do sujeito, determinando-o a colher apenas algumas coisas, e não a totalidade que se impõe à sua vista. O complexo sempre age de modo inconsciente. Manipula o ambiente, a fim de que se possa vê-lo e colhê-lo sempre como o primeiro que entra quer que o segundo veja. O primeiro a entrar é sempre o complexo, e determina os modos de conhecimento do Eu (MENEGHETTI, 2011, p. 71).

É importante destacar que, uma vez que se evidencia o complexo, é preciso entender onde tem suas raízes, ramificações invisíveis. Não se deve atacar um grande complexo diretamente porque assim, pode-se quebrar ou até mesmo enlouquecer o indivíduo (MENEGHETTI, 2011). O complexo se reforça naquelas pequenas fantasias e nostalgias de um certo passado que, historicamente, está superado.

3.3.8 Inconsciente individual

Quando retrata sobre a crise das ciências Meneghetti expõe sobre o conceito inconsciente individual a seguinte afirmativa:

Tal mundo subconsciente é um depósito ativo de memórias individuais e familiares que se reencarnam por princípios chamados arquétipos, por isso existe um inconsciente individual, um inconsciente familiar e um inconsciente coletivo. Cada um participa, além de uma ignorância própria, também de um coletivo de ignorâncias. "Ignorância" no sentido de que existem dinâmicas, instintos, direções que o homem não conhece - nem em nível individual, nem em nível social - e que todos os homens são direcionados por esse mundo oculto, negro, que permanece fechado a qualquer possibilidade de indagação consciente e racional. O homem, portanto, é objeto de uma força maior: o inconsciente (MENEGHETTI, 2010, p. 119).

Deste modo, essas são as nossas contribuições acerca deste conceito considerando que, em nossa pesquisa não localizamos outras passagens com o termo “inconsciente individual” descrito.

3.3.9 Ordem de nascimento

Na Ontopsicologia é realizado o estudo da Psicologia da Genitura e, difere-se assim do conceito de ordem de nascimento. A psicologia da genitura está sempre ligada ao gênero e sexo. “A genitura não procede segundo a ordem dos nascimentos biológicos, mas somente segundo a identidade de sexo. Por isso, um filho homem e uma filha mulher são ambos primogênitos ou filhos únicos, no caso de serem os únicos filhos” (MENEGETTI, 2011, p. 75).

Quando Meneghetti fala sobre o primogênito e o segundogênito ele expõe:

O primogênito psicológico espontaneamente é levado a ser chefe. No perigo, quer ser o primeiro a proteger os outros. Em outras situações, quer ser o primeiro para comandar, porque imagina ser como o primeiro pai na família, portanto tem uma tendência prepotente, generosa, mas também ingênua.

Ao invés disso, o segundogênito é sempre contra e muito crítico, porque, nascendo segundo, se sente sempre o descarte da família: a família já viveu aquela experiência, isto é, ele acontece em uma família em que o filho não é mais percebido como novidade. Dentro dele se desenvolve a tendência a estudar o primogênito e a colher imediatamente os seus pontos fracos: ali se torna forte. O segundogênito tem uma reserva crítica e antitética para com qualquer pessoa e desenvolve-se sempre ao contrário do primogênito: se o primeiro era bom em matemática, o segundo será bom em letras; se o primeiro é avarento, o segundo será generoso; se o primeiro é baixo, o segundo cresce mais e vice-versa, mas, quase sempre, o segundo se torna mais alto que o primeiro (MENEGETTI, 2011, p. 75-76).

Ainda é importante que destaquemos que o adulto mãe sempre age com o primeiro filho de um modo, quando o segundo nasce ela somente ama por repetição, não há uma novidade e este segundo pode ser homem ou mulher (MENEGETTI, 2011).

Normalmente o primogênito e o caçula são os conquistadores futuros. O segundogênito, por sua vez, teve uma infância frustrada e assim vira revolucionário (MENEGETTI, 2011). Ainda, o segundogênito é aquele que precisa conquistar àquela autonomia afetiva enquanto que, o primogênito sempre teve aquele primado afetivo.

Normalmente também, o segundogênito é o vencedor e tem sorte se aquele primogênito é falido. Se este não é bem sucedido procurar trabalhar junto do primogênito que é vencedor; não trabalha junto para ajudar a vencer, mas, para lhe destruir (MENEGETTI, 2011). Caso o segundogênito não transcenda o evento de ser o segundo ele será sempre

frustrado e assim, torna-se um crítico. Para que vença, ele sempre precisa tomar uma direção contrária ao primogênito.

O Ser nos faz únicos e irrepetíveis, portanto é o sujeito que deve criar o seu mundo, uma história a sua imagem e semelhança. O ponto está em conseguir ou não fazer o êxodo da dinâmica familística. Com o fim de facilitar o seu sucesso existencial, os genitores devem induzi-lo a deixar a família e construir para si um novo caminho (MENEGETTI, 2011, p. 77).

Assim, o segundogênito, se põe do seguinte modo: “ele, mais do que o primogênito e o caçula, estrutura na vida um estereótipo de compensação, ao invés de crescimento criativo. A sua alegria começa quando o primogênito é um medíocre, um falido, ou por situação histórica tornou-se inferior ao segundogênito” (MENEGETTI, 2011, p. 78).

Após o primogênito e o segundogênito é importante estudarmos sobre o benjamim, o filho mais novo, normalmente o terceiro filho ou caçula, tendo assim dois outros diante dele, assim não é nem o chefe nem o crítico, mas quer ser amado por todos (MENEGETTI, 2011).

Sobre este, podemos destacar:

Consolida-se na arte de fazer-se amar: por exemplo, nas discussões de família, é sempre o primeiro a chorar, a se aproximar da mãe e posicionar-se logo de acordo com todos. Em geral, o benjamim vence na vida, porque aprendeu a achar o seu caminho entre os grandes que vieram antes dele: ele constrói um caminho por contra própria, cativa a mãe tranquilamente e, no fim, chega de todo modo à sua realização (MENEGETTI, 2011, p. 78).

Após o benjamim, estudamos o filho único. O filho único depende de como a mãe o imposta e assim, podemos evidenciar:

Para uma criança pequena é impossível renunciar ao enorme bem que é uma mãe, por isso, é a mãe que deve saber amá-lo e contemporaneamente distanciar-lo, mas a partir do seu íntimo. E a mãe que pode alimentar a grandeza desse filho único, porque é difícil que ele sozinho possa fazê-lo. O drama do filho único é o de nunca calcular que na vida existem também os outros: é natural que cada coisa seja sua, tende a ver o mundo já como seu. (MENEGETTI, 2011, p. 78)

Meneghetti aborda que a genitura também é um estereótipo a ser superado. “Ao final, cada indivíduo que é coincidência com o próprio Em Si ôntico é um benjamim da vida” (MENEGETTI, 2011, p. 80).

O último caso a estudarmos é aquele dos gêmeos que, são uma psicologia à parte:

O gêmeo nasce na necessidade de constantemente dividir o espaço, aquele espaço que cada um de nós - ao invés - sempre teve todo para si. Em seguida, cresce sempre junto ao outro. Cada um, quando criança, inventou um companheiro imaginário para brincar, mas era sempre uma projeção de si. O gêmeo não tem a possibilidade de fazer este jogo imaginário, porque para ele, corpo e imagem são constantemente a mesma coisa. Por isso, cada gêmeo vê a si e ao outro como espaço próprio e antítese (MENEGHETTI, 2011, p. 81).

Os gêmeos, “com frequência, pegam as mesmas doenças, têm o mesmo tipo de dentes, a mesma cor de olhos, enfim, muitas coisas semelhantes evidenciadas pela genética. Em uma primeira fase psicológica, os gêmeos se odeiam, porque um tomou o espaço do outro” (MENEGHETTI, 2011, p. 81).

No caso dos gêmeos é importante evidenciar que um “é o “ministro das relações exteriores” e o outro é o “ministro das relações interiores”. Um é mais tímido e o outro mais extrovertido; um mais inteligente enquanto o outro menos: são sempre a mesma coisa” (MENEGHETTI, 2011).

Sendo assim, no processo psicoterápico não se pode fazer com apenas um gêmeo. É necessário falar também com os dois, ainda que um deles esteja bem, enquanto o outro está mal: eles sempre estão unidos (MENEGHETTI, 2011).

Sempre que possível é importante dividi-los, seja em roupas, na escola, no modo de fazer as coisas e, sempre que retomarem àquela relação de gêmeos é importante se realizar a diversificação. Quando um lamenta a falta do outro, não deve-se agir piedosamente, mas deve-se insistir em apresentar suas diferenças. Somente pode ajudá-los à medida que mostrasse o quanto são (MENEGHETTI, 2011).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciaremos nossa análise agora, discutindo sobre os conceitos levantados para que assim, possamos evidenciar as distinções e similaridades dos conceitos precitados.

O início de nossa análise se dará com o conceito Id/Isso, de Sigmund Freud. Sobre este conceito, é importante detalharmos que, para Freud, o Id/Isso é totalmente inconsciente, porém, onde também se localiza o Eu que não o envolvido inteiramente e, em seu núcleo temos assim o sistema perceptível. Para Freud, essa seria a morada das pulsões e pode conversar com o Ego e o Superego.

Antonio Meneghetti, para definir o Id/Isso se utiliza de outra denominação, sendo ela “Em Si”. O Em si na Ontopsicologia seria o critério-base como expõe Meneghetti. Como já citado, quando conceituado Id/Isso na Ontopsicologia é importante retomar que, ele pode possuir diferenciações, sendo: ôntico, do homem, organísmico, naturístico, dependendo das relações do mesmo que queremos entender.

Desse modo, podemos analisar que, Antonio Meneghetti ao convalidar este conceito, aprofundou o estudo sobre o mesmo, trazendo diferenciações entre Em Si(s) mas, baseado no critério base do humano, seu Em Si ôntico. É importante ainda destacarmos que, este é uma energia aberta, ou seja, não possui um modo fixado de formalização, mas, uma possibilidade aberta. Antonio Meneghetti ainda considera que o Em Si é aquele que gera a pulsão, que através do Eu pode fenomenizar-se na história então, para a Ontopsicologia, o Em Si, pode também contatar àquele Eu e segue um caminho que é Em Si, posteriormente Eu a priori e realizando historicamente no Eu lógico-histórico.

O Em Si e o Eu a priori são inconscientes, enquanto que, o Eu lógico-histórico já é parte da consciência.

O Em Si usa-se do Eu a priori que é aquela forma virtual do aqui e agora e esse reflete a pulsão ao Eu lógico-histórico que a transforma em fenômeno.

Para Freud, o Id/Isso usa-se do Ego/Eu que é aquele princípio de realidade que, faz a modulação aceitável, para que o mesmo se externalize na sociedade. Entendendo deste modo podemos dizer que, toda e qualquer pulsão do Id/Isso, segundo Freud, sofreria deste modo, uma “adequação” para que pudesse ser fenomenizada e, deste modo, aquele homem não teria acesso a esta zona inconsciente.

Na Ontopsicologia, é possível afirmar que, algumas pulsões do Em Si ôntico, podem ser defletidas através do monitor de deflexão, chegando ao Eu lógico-histórico e, sendo historicizadas de um modo senão aquele primário mas, também é comprovado que, pode-se

evidenciar a aplicação o Em Si ôntico através de linguagem e análise histórica, semiótica médica ou problema, fisiognômica-cinésico-proxêmica, campo semântico, sonhos e resultado.

Assim podemos inferir que, para a Ontopsicologia é possível que, o inconsciente chegue à consciência do homem em sua totalidade ou seja, é possível que o homem conheça este quântico de vida que é, enquanto que para Freud, na psicanálise, seria impossível ter acesso completo ao Id/Isso, acessando somente parte sua, como manifestações do inconsciente como atos falhos, chistes, sintomas e sonhos mas, nunca chegando a esta completude.

Dando seguimento, analisaremos o conceito freudiano de Ego/Eu que, como já estabelecido, representa a razão. O Ego/Eu é quem adapta a pulsão do Id/Isso para que, essa possa se externalizar. Segundo Freud, no Ego/Eu teríamos os mecanismos de defesa. O Ego/Eu seria aquela parte consciente do humano, mas que, de certo modo abrigaria o inconsciente através de mecanismos de defesa.

Trazendo o estudo de Antonio Meneghetti sobre esse conceito, podemos confirmar que ele trata do Ego como Eu e, que nos coloca que é essa a parte psíquica exposta do homem, que é capaz da ação. Ele ainda diferencia o Eu, como já citado anteriormente no estudo deste conceito em: Eu a priori, Eu lógico-histórico, Eu fictício e Eu Sou. Para o autor, o Eu pode, então, ser inconsciente à medida que o eu fictício envolve também os complexos e projeções.

Deste modo podemos esclarecer que, para ambos os autores o Ego/Eu pode ser tanto consciente, quanto inconsciente, porém, é importante que destaquemos que, Antonio Meneghetti identificou necessário fazer a distinção entre tipos de Eu. Ainda, para o autor o Eu é entendido como um modo de autoconservação do organismo, ou seja, a defesa.

Seguindo, analisaremos agora o conceito Superego/Supereu, que se entendido segundo Freud seria, aquele que armazenaria todas as informações da infância e as identificações.

Para Antonio Meneghetti, o Superego é, positivo porque a criança através deste pode aprender em pouco tempo o que, sozinha, talvez não aprenderia, mas, a medida em que essa introjeção do social, do pai, da mãe é levada como própria e real pode ser também, negativo pois, é capaz assim de condicionar o humano à efetualidade do complexo e não de seu critério base, seu Em Si ôntico. Como já citamos anteriormente, no estudo aprofundado do conceito, Antonio Meneghetti expõe a distinção do pensamento de Freud à medida que considera que Freud entendia o Superego como uma simples introjeção, mas, sem levar em consideração os seus efeitos negativos.

Desse modo, podemos evidenciar que, para Antonio Meneghetti, o superego não é entendido somente como um armazenador de memórias, mas, também, como um produto social e pode levar o homem a não exatidão de seu Em Si ôntico. Antonio Meneghetti assim, dá a passagem de quais são as etapas do processo psicoterápico para que se retome aquele critério base exato de cada pessoa.

Nosso quarto conceito é o de projeção que, se entendido por Freud é um mecanismo de defesa, onde projetaríamos em outro, qualidades ou defeitos que pertencem a nossa personalidade. Para Antonio Meneghetti, a projeção também é entendida como um mecanismo de defesa e, ele detalha que, além de projetarmos no outro algo que é próprio nosso, fazemos isso de modo a uma seleção temática e, para o autor é muito importante que entendamos que, cada um escolhe a realidade por qual é, ou seja, nós quem fazemos essa seleção temática. Ainda, para Antonio Meneghetti, o homem vê nos outros aquilo que é próprio ou porque rejeita ou porque não reconhece, mas que, também algo positivo pode ser projetado.

Podemos assim evidenciar que, para a Ontopsicologia, se o homem está conexo ao seu critério base os modos de defesa servem apenas para a conservação, mas, não agem como mecanismos que podem tolher essa possibilidade de realização plena do critério.

A nossa análise de conceitos freudianos traz uma identificação que, ao convalidar os conceitos, Antonio Meneghetti se usou da teoria já estruturada, e não invalidou nada precitado pelo psicanalista Sigmund Freud, apenas nomeou os conceitos para que pudessem ser identificados com a Ontopsicologia e, em casos como do Id/Isso e de Ego/Eu foi necessário o desenvolvimento de distinções de modo para que fosse possível categorizá-los e realizar a identificação com a Ciência Ontopsicológica.

Em outros conceitos como de Superego e Projeção, para Antonio Meneghetti foi necessária uma evolução do estudo sobre os mesmos para que fosse possível identificar como se estruturam, como se dá a ação e como se pode, conhecendo estes, reportar o humano àquela lógica de vida, vencedora, sendo um projeto aberto.

Partimos agora, para o primeiro conceito convalidado de Carl Gustav Jung, sendo ele arquétipo. Quando entendido por Jung, arquétipo pode representar tanto o lado positivo quanto negativo considerando que seriam imagens universais e que todos nós teríamos, se não vários no mínimo um arquétipo presente em nosso inconsciente. Ele fez a separação dos arquétipos nomeando-os e classificando-os com motivações básicas.

Os principais arquétipos Junguianos que estudamos no presente trabalho foram: persona, sombra, anima, animus, grande mãe e, *self*; já as classificações analisadas foram:

sábio, mago, explorados, criador, herói, rebelde, amante, tolo, cuidador, homem comum, inocente e governante. É muito importante ao considerar a conceituação de Jung entendermos que, os arquétipos também são estudados pela Ciência Ontopsicológica.

Para a Ciência Ontopsicológica, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti focaliza o estudo dos arquétipos exclusivamente sobre a psicologia feminina e, faz a separação em três arquétipos: a mulher velada, a Lilith e a velha. Analisando os três podemos notar que, se considerado o arquétipo da Grande-mãe de Jung podemos relacionar os arquétipos da mulher velada e da velha a este, considerando aspectos negativos enquanto que, no arquétipo da mulher velada, a mulher aparecia em forma de sabedoria mas, trazendo aquela mãe como referência do certo e do errado e não o Em Si ôntico da mulher, seu projeto de natureza; podemos relacionar ao arquétipo da velha enquanto essa faz a mulher viver em um estado psicológico, não sendo relacionado a idade cronológica que, pode instaurar para esta mulher a destruição e morte.

Para o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, como já precitado, o critério ôntico, o Em Si ôntico se dá em cada homem de um modo único, não sendo assim possível que, usássemos de arquétipos para defini-lo enquanto que, é um projeto aberto, ligado ao Ser.

Considerando as afirmativas levantadas podemos esclarecer que, para Antonio Meneghetti, os arquétipos são ligados à psicologia feminina e usados apenas para definirem àquelas imagens e modos de vivência repetitivos, ou seja, não positivos para a realização do projeto ôntico da mulher, apresentando esta como a principal distinção se considerado Carl Gustav Jung.

O segundo conceito que analisaremos de Jung será o de complexo. Para Jung, é importante que declaremos que os complexos são, essencialmente positivos mesmo que, alguns pudessem resultar em psicopatologias e seriam desse modo negativos, ocasionando neuroses, entre outras psicopatologias. Eles organizam memórias, emoções, afetos para que haja a dialética com o Ego e, inclusive o Ego era considerado como um complexo do Ego pois, este organizava as ideias. Assim, segundo Jung, os complexos deveriam possuir valor que, poderia exceder àquele das intenções conscientes pois, caso contrário as rupturas na consciência não seriam possíveis e, podendo colocar assim o homem em estado de coação.

Para o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti, o complexo seria um precipitado psicoemotivo, fruto da inserção do alheio no humano - monitor de deflexão. Portanto o complexo, é aquela pulsão do Em Si ôntico que, foi tolhida no momento da imagem matriz e que se estrutura na forma de um complexo. Desse modo é importante destacarmos que, o complexo para a Ontopsicologia é entendido como um modo de enrijecer o eu, de polarizar o

eu para apenas uma direção, um modo, uma verdade que não é ligada ao critério ôntico do homem.

É possível verificar aqui a distinção do conceito de complexo assinalando por Jung que é visto, prioritariamente como positivo, enquanto que, para Antonio Meneghetti o mesmo é entendido como, um quântico de vida que, através da imagem matriz e inserção do monitor de deflexão pode condicionar o homem e, tolher a possibilidade de plena realização de seu projeto de natureza.

O último conceito que analisaremos de Carl Gustav Jung é o de inconsciente individual ou também, como citado por ele, inconsciente pessoal. Para Jung, o inconsciente pessoal não teria relações com o inconsciente coletivo, ou suprapessoal enquanto que, o individual armazenaria lembranças e memórias perdidas ou até mesmo reprimidas de forma proposital, enquanto que o coletivo seria universal, de conteúdos encontrados em todas as partes. Para Antonio Meneghetti, como ele mesmo coloca em um trecho precitado mesmo já havendo a discussão sobre inconscientes, há ainda uma dualidade entre a força da vida e, esta força que seria de morte.

Antonio Meneghetti estrutura o seu estudo do inconsciente, considerando inconsciente como uma denominação para aquele individual ou coletivo, mas, sua pesquisa parte de um ponto central para a resolução da dualidade anteriormente levanta pelas ciências, assim, Antonio Meneghetti parte do critério da Ontopsicologia, do Em Si ôntico do homem e onde há a cisão de consciente e inconsciente e os desvios e, está aqui a distinção, onde existe apenas o critério da vida e, o contrário é considerado como um desvio deste real.

Realizando a análise geral sobre conceitos Junguianos convalidados e de Antonio Meneghetti pudemos detalhar distinções e pontos de similaridade. É importante ressaltarmos que ambos conhecimentos permanecem válidos. Podemos notar nessa etapa que, Antonio Meneghetti, se apoiou em um importante ponto, principalmente para o estudo de dinâmicas inconscientes que é o Em Si ôntico, critério de natureza do homem e ligado ao Ser e deste modo estruturou a teoria sobre projeção, arquétipos e inconsciente, dentre tantos outros conceitos.

O terceiro autor e conceito analisado será Alfred Adler, usando-se do conceito de ordem de nascimento. Considerando Adler, o mesmo realiza a categorização em três denominações: primogênito, o segundo filho e o caçula. Ele considerava para sua análise a ordem de nascimento, independente de gênero ou outros fatores e definia os três com características específicas, considerando inclusive atribuindo psicopatologias à ordem de nascimento.

Retomando Antonio Meneghetti e o conceito de ordem de nascimento, o mesmo entendia como psicologia da genitura e, não atribuía a ordem de nascimento, mas sim ligada ao sexo (gênero). Meneghetti realiza a categorização em cinco denominações: primogênito, segundogênito, benjamim, filho único e gêmeos. Ele detalha que, em uma família com um filho homem e uma mulher ambos seriam filhos únicos bem como, se em uma família tivéssemos um filho único que tivesse contato direto com outra criança do mesmo gênero e mais nova este poderia ter traços de primogênito. Para Antonio Meneghetti, a psicologia da genitura é um aspecto que, se entendido como se dá sua ação, temos a possibilidade de transcendermos e utilizarmos dele de modo positivo, para relações otimizadas e crescimento.

Nesta análise encontramos pontos de semelhança enquanto que ambos autores analisaram não aspectos físicos mas, psíquicos e comportamentais. Os pontos de distinção estão principalmente associados ao modo de condução da categorização enquanto que, para Alfred Adler seria a ordem de nascimento o ponto central e, para Antonio Meneghetti, seria o sexo (gênero) conciliado com a ordem de nascimento, mas, sempre considerando também a análise de relações da infância daquele homem e, percebemos assim que, Meneghetti evoluiu o estudo sobre este conceito.

Ao discorrermos sobre todas as análises realizadas nesta pesquisa, podemos identificar que, se considerarmos todos os conceitos analisados, semelhanças e distinções o principal diferencial da Ciência Ontopsicológica que está baseada em um método bilógico indutivo-dedutivo e intuitivo, aliado às três descobertas, considerando Antonio Meneghetti como o cientista, está na descoberta do critério base do homem, o Em Si ôntico e todas as posteriores análises partindo deste princípio de vida, enquanto o homem é um completo, ligado ao Ser. Só foi possível para a Ciência Ontopsicológica analisar qualquer desordem partindo do princípio de ordem, de vida, de pulsão e de inteligência.

Identificamos que a Ciência Ontopsicológica que está baseada em um método bilógico indutivo-dedutivo e intuitivo, aliado às três descobertas, considerando Antonio Meneghetti como o cientista, está na descoberta do critério base do homem, o Em Si ôntico e todas as posteriores análises partindo deste princípio de vida, enquanto o homem é um completo, ligado ao Ser. Apresentaremos uma tabela com a síntese dos nossos resultados:

**Tabela 1: Conceitos convalidados, apropriados e reapropriados pela
Ciência Ontopsicológica**

SIGMUND FREUD / PSICANÁLISE	ANTONIO MENEGETTI / ONTOPSICOLOGIA
ID/ISSO	EM SI
Sem categorizações (pode ser chamado de algo psíquico)	Em Si ôntico, do homem, organísmico ou naturístico
Totalmente Inconsciente	Pode contactar a consciência
Onde se localiza o Eu, que não o envolve inteiramente e em seu núcleo temos o sistema perceptível. Morada das pulsões e conversa com o Ego e o Superego	É aquele que gera a pulsão que, através do Eu pode fenomenizar-se
Usa-se do Ego para contactar o externo e, faz a adequação do mesmo para que se externalize	Pode ser defletido pelo monitor de deflexão antes que chegue ao Eu lógico-histórico
Acesso à parte deste apenas por atos falhos, chistes, sintomas e sonhos	As pulsões do Em Si ôntico podem tornar-se consciência, sem que haja a deflexão
EGO/EU	EU
Sem categorizações	Eu a priori, Eu lógico-histórico, Eu fictício e Eu Sou
Representa a razão	Parte psíquica, capaz de ação
Morada dos mecanismos de defesa	Modo de conservação do organismo, defesa
É consciente mas, também inconsciente	Pode ser inconsciente (eu fictício também envolve complexos e projeções)
SUPEREGO/SUPEREU	SUPEREGO
Armazena todas as informações da infância	Pode ser positivo à criança mas, se condicionado, não é positivo
Possibilita às identificações	A criança pode aprender através do mesmo modos de relação
Considerado apenas como uma simples introjeção	Não entendido apenas como armazenador de memórias mas, produto do social e pode levar o homem a não exatidão
PROJEÇÃO	PROJEÇÃO
Mecanismo de defesa	Mecanismo de defesa
Projetamos em outro qualidades e defeitos que pertencem a nossa personalidade	Projetamos em outro algo próprio nosso por seleção temática, ou seja, através de um tema pré-fixado
-	O homem projeta em outro aquilo que rejeita ou o que não reconhece mas, algo positivo também pode ser projetado
-	Se o homem está conexo ao seu real, os modos de defesa servem apenas para a conservação

(Tabela elaborada a partir de dados obtidos pela pesquisa da autora Sabrina Raminelli Hall)

**Tabela 1: Conceitos convalidados, apropriados e reapropriados pela
Ciência Ontopsicológica**

CARL GUSTAV JUNG / PSICOLOGIA ANALÍTICA	ANTONIO MENEGHETTI / ONTOPSICOLOGIA
ARQUÉTIPO	ARQUÉTIPO
Persona, sombra, anima, animus, grande-mãe e self	Mulher velada, Lilith e velha
Tanto para homens quanto mulheres	Apenas para mulheres
Positivos ou negativos	Negativos à medida que condicionam à repetição
-	O arquétipo da grande-mãe de Jung pode ser relacionado ao da mulher velada e da velha.
COMPLEXOS	COMPLEXOS
Essencialmente positivos	Negativo, modo de enrijecer o eu
Poderiam resultar em psicopatologias e, neuroses	Podem resultar em patologias
Organizam memórias, emoções, afetos	Precipitado psicoemotivo
Entendia o próprio Ego como um complexo	Fruto da inserção do Monitor de Deflexão
INCONSCIENTE INDIVIDUAL	INCONSCIENTE
Não tem relação com o inconsciente coletivo	Apenas inconsciente
Armazena lembranças e memórias perdidas ou reprimidas	Armazena não só lembranças mas também aquele Em Si ôntico
ALFRED ADLER / PSICOLOGIA INDIVIDUAL	ANTONIO MENEGHETTI / ONTOPSICOLOGIA
ORDEM DE NASCIMENTO	PSICOLOGIA DA GENITURA
Ligado à ordem de nascimento	Ligado ao sexo (gênero) e nascimento
Primogênito, segundo filho e caçula	Primogênito, Segundogênito, benjamim, filho único e gêmeo
-	Possível de transcender e usar de modo positivo

(Tabela elaborada a partir de dados obtidos pela pesquisa da autora Sabrina Raminelli Hall)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o objetivo geral desta pesquisa, de explicitarmos conceitos, originalmente em suas bases, que passaram por apropriação, reapropriação ou convalidação para seu uso na Ontopsicologia foi realizada de uma pesquisa teórica e conceitual, fundamentada para a obra de Antonio Meneghetti, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Alfred Adler.

Para que fosse possível a análise dos termos foi necessária a construção de uma linha histórica sobre autores, sobre a Psicanálise de Sigmund Freud, da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, da Psicologia Individual de Alfred Adler e também da Ontopsicologia de Antonio Meneghetti.

Posterior à linha histórica realizamos a análise dos conceitos em suas origens e suas definições e, assim, a análise dos mesmos na Ontopsicologia.

Ressaltamos que, o intuito deste trabalho foi o de análise de cunho exploratório e, não de validação ou invalidação de conceitos enquanto que, os mesmos foram convalidados pelo Fundador da Ciência Ontopsicológica.

Deste modo, além de obtermos êxito no objetivo geral, também os objetivos específicos foram concluídos.

Consideramos ao finalizar esta pesquisa que, o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti deixa seu legado com e para a ciência demonstrando que, todos os estudos realizados anteriormente são válidos e completos se considerarmos o contexto e época que se desenvolveram, mas, fomenta também que, sigamos assim o estudo da sua ciência, que sigamos estudando e compreendendo a Ciência Ontopsicológica que é aquela que propõe que o homem, através de sua realização enquanto existência possa ser agente em um contexto dinâmico.

Encerramos o presente trabalho, porém, com a certeza que este estudo seguirá e que o legado que o Acadêmico Professor Antonio Meneghetti deixou para a humanidade fará seu nome perdurar e, formar homens capazes de realização, atuando seu projeto de natureza.

REFERÊNCIAS

ADLER, Alfred. **A Ciência da Natureza Humana**. 4. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

ADLER, Alfred. **Prassi e Teoria Della Psicologia Individuale**. 3 ed. Astrolabio: Roma, 1967.

BERNABEI, Pâmela; ZOPPOLATO, Andrea. **Antonio Meneghetti: uma viagem vencedora**. Apêndice da edição comemorativa dos 35 anos da Ontopsicologia. Nova Ontopsicologia, Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, ano XXV, n. 2, 2007/1-2008, março de 2008.

BRENNER, Charles. **Noções básicas de psicanálise: introdução à psicologia psicanalítica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FRANZ, Marie-Louise von; JUNG, Carl Gustav. **O Homem e Seus Símbolos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1964.

FREUD, Sigmund. **A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre a Metapsicologia e Outros Trabalhos (1914-1916)**. v. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Obras completas Volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund; TRAUMDEUTUNG, Die. **A interpretação dos sonhos (I)**. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1900.

FRIEDRICH, Sônia Maria. **Alfred Adler**. Federação Brasileira de Psicanálise, 2009. Disponível em: <https://febrapsi.org/publicacoes/biografias/alfred-adler/>. Acesso em: 18 mai. 2022.

FURTMÜLLER, C. Alfred Adler: un ensayo biográfico de Carl Furtmüller. *In.*: ADLER, A. **Superioridad e Interés Social – Una colección de sus últimos escritos** (pp. 269-341). México: Fondo de Cultura Económica, 1968.

HANDLBAUER, Bernhard. **A Controvérsia Freud-Adler**. São Paulo: Madras, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1971.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

LEAL, Daniela; MASSIMI, Marina. ALFRED ADLER (1870-1937): Uma breve biografia. **Estud. pesqui. psicol.** v. 17. n. 2. Rio de Janeiro, mayo/agosto 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000200021&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 25 jul. 2022.

LEAL, Daniela; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Compensação e deficiência no pensamento de Alfred Adler (1870-1937). **Memorandum**, 29, out/2015, Belo Horizonte: UFMG; Ribeirão Preto: USP, 2015. Disponível em: <https://www.fafich.ufmg.br/memorandum/wp-content/uploads/2015/11/lealantunes01.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

MENEGHETTI, Antonio. **Projeto Homem**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.

MENEGHETTI, Antonio. **Dicionário de Ontopsicologia**. 2. ed. rev. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012a.

MENEGHETTI, Antonio. **Imagem e Inconsciente**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012b.

MENEGHETTI, Antonio. **Feminilidade como Sexo, Poder, Graça**. 5. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Campo Semântico**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015a.

MENEGHETTI, Antonio. **Ontopsicologia Clínica**. 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015b.

MENEGHETTI, Antonio. **O monitor de deflexão na psique humana: princípio crítico sobre a razão humana antecipada por um monitor metabolizado no cérebro**. 3. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2017.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico Resumido**. Instituto Nacional do Livro, 1966.

PERON, Roger. **História da Psicanálise**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 1991.

PLON, Michel; ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Sahar Editor Ltda, 1998.

PSICANÁLISE CLÍNICA. **Origem e história da psicanálise**. Teoria Psicanalítica, 22 de junho de 2017. Disponível em: <https://www.psicanaliseclinica.com/origem-e-historia-da-psicanalise/>. Acessado em: 25 jul. 2022.

SIGNIFICADOS. **Arquétipo**. Significados, sem ano. Disponível em: <https://www.significados.com.br/arquetipo/>. Acesso em: 24 set. 2022.

VISUS. **A relação entre a personalidade e a ordem de nascimento dos irmãos**. Artigos, 05 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://visusconsultoria.com.br/artigos/a-relacao-entre-a-personalidade-e-a-ordem-de-nascimento-dos->

irmaos#:~:text=entre%20pais%20e%20filhos%20e,desadaptativas%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%20algumas. Acesso em: 24 set. 2022.